

ASSIGNATURAS  
ANNO 20\$000  
SEMESTRE . . . . 12\$000

Numero avulso 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
RUA DO OUVIDOR, 113 (Sob.)  
OFFICINAS  
RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO -- WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR -- DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE -- BELLARMINO CARNEIRO

## OS ANNAES

Annaes das sciencias, das letras, das artes e das industrias, esta revista se destina a occupar um posto vago, na imprensa do Rio de Janeiro, posto de sacrificio abandonado por trabalhadores de superior engenho, cujo vestigio brilhante testemunha ainda sinceros sacrificios mal apreciados.

E' possivel que, neste periodo de animadora actividade intellectual, consigamos restaurar a tradição interrompida por desalentos lamentaveis, e, todavia, gloriosa, como precioso subsidio ao desenvolvimento desta terra.

*Os Annaes* serão um registo da nossa vida mental, uma resenha, cuidadosamente feita, das idéas, dos factos, dos phenomenos sociaes, estudados pelo aspecto mais pratico e intuitivo, e de tudo aquillo que possa servir de documentação, ou interessar ao nosso progresso.

Para realisar o plano de um semanario accessivel a todos os paladares, publicaremos, com rigorosa selecção, artigos de critica, romances, versos, chronicas commerciaes e um noticiario dos factos mais importantes do paiz e do estrangeiro, enfeixando, para a leitura do domingo, um punhado de informações, muito uteis áquelles que não podem andar em dia com os jornaes.

Ao alcance de todas as intelligencias e de todas as bolças, *Os Annaes* encetam a sua obra, esperando que o acolhimento do publico os alente e lhes dê meios de se realisarem as suas idéas, com efficacia.

O successo, que é a mais eloquente justificação dos actos humanos, dirá si fomos bem inspirados, nesta empreza; confirmará as nossas esperanças ou, sendo negativo, inflingirá mais uma decepção aos nossos sinceros esforços.

\* \*

Nada ha que dizer contra a nossa collaboração. Ella será constituída da melhor gente intellectual, quer do Brazil, quer de Portugal. Do *paiz das uvas*, esperamos os trabalhos, d'entre outros, de Fialho d'Almeida, a originalidade mais rútila, mais fulgurante das modernas letras portuguezas.

O nome tão glorioso do artista das *Pasquinadas*, dos *Gatos*, do incomparavel creador da *Madona do Campo Santo*, bastaria como recommendação do carinho, do interesse com que havemos de tratar *Os Annaes*. Não somos menos felizes com o contingente que nos promettem trazer os illustres escriptores Virgilio Varzea, padre José Severiano de Rezende, Euclides da Cunha, Joaquim Vianna, Ferreira Vianna Filho, Guimaraens Passos, Emilio de Menezes, Araripe Junior, Sylvio Romero, Viriato Correia, o contador magnifico dos nossos sertões, os professores drs. Ed. Chapot Prévost, Fernandes Figueira, Figueiredo Rodrigues, Otto de Alencar, major Felinto Alcino e os caricaturistas Chrispim do Amaral, Calixto e Raul.

As nossas aquisições não ficarão ahi. Attendendo ás necessidades que o tempo nos apontar, nós não pouparemos esforços em beneficio do publico. Tambem *Os Annaes* abrem as suas columnas á intellectualidade dos Estados, onde não faltam escriptores e artistas, ignorados uns, esquecidos outros, á mingua de meios de publicidade.

## CHRONICA POLITICA

### INTERIOR

O facto de maior destaque, nos trabalhos do Congresso, é, sem contestação, o renhido e fulgurante debate provocado pela vaccinação obrigatoria contra a variola.

Não ha discrepancia no humanitario intuito de proporcionar á população da capital da Republica, meios de defeza contra as epidemias que, em exacerbações intermitentes, lhe extor-

quem lugubre tributo de vidas. A di, vergencia surge da escolha dos meios dos processos que, segundo uns, deverão contornar, com religioso respeito, a área das liberdades individuaes, e segundo outros, não se embaraçar em escrupulos sentimentaes, e entrar, francamente, pelas fendas, que a salvação publica, como suprema lei, tem o direito de abrir nos reductos das garantias constitucionaes.

E tem gyrado em torno desses themas, transcendentos e respeitaveis pela velhice, a eloquencia dos mais estimados oradores da Camara, obrigada á maçada de ouvil-os, de interromper a deliciosa apathia, onde se tem afundado, como num tremedal de areia gulosa.

Parece que o projecto não merecia tamanha opposição. Será, quando muito, o meio extremo de emprender a prophylaxia efficaz, uma vez que o povo, pouco preocupado com a defeza de sua saude, não procura, espontaneamente, immunisar-se contra o flagello, de raizes fundas e pertinazes nos antros da cidade.

O povo será sempre, como se tem dito á saciedade, a eterna criança; não tem noção perfeita do que lhe convem, do que o prejudica; não percebe os perigos, nem sabe os meios de os evitar; é indispensavel que alguém cuide delle; necessita de uma governante, que será sempre o governo, cujos beneficios e maldades aceita e soffre com igual indiferença e resignação.

Mas, a defeza dos consagrados direitos individuaes, inscriptos na bandeira de todas as opposições, escorrega, facilmente, para o escabroso terreno da politica, como aconteceu nesse caso da vaccinação obrigatoria, que seria innocente, se o não exacerbasse o intolerante espirito de seita, inoculado, desde o nascedoiro, no organismo da Republica.

A parte esse lamentavel desvio a, discussão teve intenso brilho, e apaixonou os contendores, mas não convenceu á Camara, que applaude com entusiasmo os discursos contundentes de Barbosa Lima, a palavra ornamental de Belisario de Souza, os assaltos violentos de Bricio Filho, assim como o vibrante *sermão* de Erico Coelho; mas vota contra.

\* \*

Além desses projectos, estão na forja umas tantas reformas, denunciando

a recrudescencia de um vèno de resultados negativos. Votam-se leis eleitoraes, que serão letra morta, remenda-se, pela terceira vez, o regimen de fallencias; cogita-se de uma reviravolta salutar na magistratura do Districto Federal; de nova reforma do regimen interno da Camara, ha poucos dias concertado, e apenas arranhado por um coxillo do presidente interino; e finalmente, vae preoccupar a preciosa attenção dos representantes da nação, a constitucionalidade do uso dos crachás, concedidos pela munificencia do Imperador e dos soberanos estrangeiros.

Nesta importantissima materia, estam com os srs. Hasslocher e Teixeira de Sá, pensando que o uso de condecorações, como ornato, não depende de interpretação de texto constitucional, *ad instar* das medalhas, inventadas pelo transacto governo por meio de um desprentecioso decreto, para assignar serviços militares. Ninguem protestou contra isso, e a constituição ficou immaculada na sua virgindade de cadaver embalsamado.

## EXTERIOR

As vistas dos homens de estado, dos directores de povos, continuam voltadas para o Oriente, onde se fez uma lucta titanica entre duas raças, envolvendo a solução de problemas sociaes de uma grande parte da humanidade.

A Russia, conservadora, autocratica e semi-barbara, defronta o Japão erguido, ha cinquenta annos, do torpor de tradições atrophiadoras para emprender a missão de guarda avançada da civilisação da raça amarella, missão imposta por afinidades ethnicas e solidariedade de interesses.

Combatem os dois terriveis adversarios pela expansão de dominio em cubigado territorio, que lhes não pertence. E a China, a proprietaria do sólo, onde correm caudae de sangue estrangeiro, assiste, aparentemente impassivel, ao horrivel duelo de morte, como poucos annos atraz, assistiu á invasão européa para esmagar a rebeldia cruel dos *boxers*.

A rapidez assombrosa dos progressos do Japão, os prodigios de assimilação de todas as conquistas da civilisação occidental, de que essa guerra, sem precedentes na historia, é um eloquentissimo documento, provaram que a raça amarella não soffre o stygma de incapacidade, nem a miseria intellectual, que a tornaram desprezivel, como factor ponderavel nos destinos da humanidade, afastada definitivamente do convívio das nações cultas.

A experiencia, deduzida de factos contemporaneos, affirma que não convem aos europeus a civilisação da China, pelos moldes das modernas concepções. Elles a consideram, apenas, um valioso e rico productor de materias primas, um consumidor que vale por quinhentos milhões de almas. Por isso a Inglaterra, apezar do seu admiravel systema de colonisação, victorioso na Australia e na America do Norte, se contentou com adquirir portos no Mar Amarello, para protger a sua marinha mercante, oppor um dique ás ambições mercantis de outras nações, mantendo um privilegio de que foi agente o opio, como elemento de degeneração da raça explorada, atrophiando-lhe as energias para a resistencia. Outras nações

lhe secundaram a pista, depois do conflicto sino-japonez, interessadas todas pelos mesmos intuitos de impedir que o Japão auferisse os mais importantes resultados da victoria.

A Russia, occupando a Mandchuria, quebrando compromissos de um tratado, adquiriu um vasto campo de expansão dos slavos, apertados nas solidões glaciaes dos steppes da Siberia. E' a posse daquella fertilissima região que ella disputa a preço das caudae de sangue do exercito de Kuropatkine e dos homericos heróes de Porto Arthur.

A victoria dos japonezes será um fortissimo dique á onda do imperialismo europeu e o primeiro passo para uma lucta de industrias, cujo desenlace se antolha favoravel aos amarells, que, além de todas as materias primas em profusão, dispõe de milhões de operarios, a salario insignificante, sóbrios, pacientes, tenazes, de prodigiosa habilidade manual.

Não é arrojado prever a fallencia das industrias occidentaes quando forem introduzidos no Celeste Imperio, os miraculosos processos da mechanica, que lhe permitirão fabricar os finissimos tecidos de seda da França e da Italia, os algodões inglezes, as armas belgas, todos os artigos da Ailemanha e da Austria, inclusive os canhões Krupp, as placas nikeladas de Carnegie e os coiragados de Sampson.

Essa perspectiva sombria encobre aquillo que os europeus chamam o perigo amarello.

\* \*

Os telegrammas dos ultimos dias noticiam uma situação de repouso dos exercitos de Kuropatkine e Oyama, no preparo da reprodução de outra batalha campal como a de Liao Yang, e talvez de resultados mais decisivos, si os russos não conseguirem executar o plano de retirada para Karbin.

Em Porto Arthur, prosegue com desesperado vigor, a porfia entre sitiantes e sitiados, já consagrados á admiração do mundo por estupendos feitos heroicos.

\* \*

O vulcão revolucionario, que parecia extinto nas republicas néo-hespanholas, volve á actividade, inflingindo serias perturbações ao Estado Oriental e ao Paraguay, onde a paz é uma promessa de todos os dias, sempre adiada.

Ultimas noticias asseguram a imminencia de um accordo entre o presidente Escurra e o general Benigno Ferreyra; entretanto o governo e os revolucionarios continuam a receber consideraveis armamentos.

Parece que as ameaças de revolta que agitam, durante alguns dias, a Republica Argentina, se resolveram em simples opposição ao ministerio organizado pelo presidente Quintana.

No Chile, continúa a politica inconsistente, creada pela divergencia obstinada entre os poderes constitucionaes, determinando uma situação permanente de crises ministeriaes. De resto, não tem sido outra coisa o governo do presidente Riesco.

Poucos são os homens notaveis do partido dominante que não tenham passado pelos gabinetes ephemerios; e tão frequentes têm sido as mudanças e reconstituições, que já se sente falta de quem queira ser ministro.

Ahi têm os adversarios do systema parlamentar, excellentes argumentos para a sua propaganda.

POJUCAN.

## A EXPOSIÇÃO DE BELLAS-ARTES

Ai! a impressão de inamovivel desolamento que nos domina, ao transpômos o paravento da sala exposicional! No primeiro relance em que o olhar circula pelas tólas varias, ha já o intuitivo descortino da impersonalidade morosa daquellas indecisas pinceladas. Digo indecisas, não porque falte segurança e vigor de technica pura ao desenho e ao colorido de alguns; mas a indecisão que eu noto naquella collectividade pictural reportase á inopia geral de concepção, á falta de orientador ideal, á persistente miseria de imaginação e á irremediavel penuria de alma dos nossos pintores, velhos e novos. E é mortificante, este pauperismo esthetico, esta bancarrota artistica, porque, valha a verdade, dentre os nossos pintores, não poucos ha que possuem, como mestres, a sciencia da execução, a noção viva e vibrante das linhas e das tintas, e pôdem — talvez não possam — mas poderiam crear a Obra d'Arte palpitante e bella, em vez de perpetuamente perpetrarem essas notaveis fanearias e impertinentes bagatelas numericamente indicadoras de trabalho, mas trabalho de horas vagas, atamancado e nullo. A Exposição, aliás, é *pour cause*, prima pela quantidade e não pela qualidade. Ha alli de tudo, mas de tudo! gente vinda de toda parte para com o maximo aprumo, sem medo de expôr-se, furiosamente expôr. Ao abrir o catalogo. Ah! mas antes de abrir o catalogo, perguntemos quem foi o desabusado alumno que lhe illustrou o frontispicio. Os senhores repararam o frontispicio do folheto? Figura, numa palheta, um baixo relevo em que um ephebo de coma esparsa coroadada de abrolhos sorri, de olhos revirados, mostrando apalermado uma ponta de lingua e cruzando, como em prece, as mãos. Que quer dizer esse criança idiota? E' um symbolo, uma allegoria ou um enigma pittoresco? E a cousa, se, como idéa, está mal ageitada, está, como desenho, de um alarmante estouvamento: na mão direita do rapazelho que, opilada, incha, engalfinham-se os dedos pontudos da esquerda e num pescoço informe collou-se a cara torta de um bôbo. E' réles. Em cima, lê-se, em caractéres mal delineados, *Exposição Geral de Bellas-Artes* e em baixo, numa graphomachia tosca, *Escola Nacional de Bellas-Artes, Rio de Janeiro*. E' revoltante o desenho desses titulos, em letras cambaleantes e esgarabulhadas, de uma factura infantil. Os pinacographos das taboetas theatraes e das revistas humoristicas fazem cousa mais aproveitavel, em desenho de letras, e é inquestionavelmente uma vergonha para nós, num catalogo de exposição official, um ga-

tafunho de mão principiante impingido sem-cerimoniosamente ao visitante obrigado a admirar.

Entra-se já no salão com esse inicial desgosto, e a impressão que o olhar, de voo, recolhe é, já ficou dito, desalentadora. Abramos, porém, o catalogo, sem mais olhar o misero frontespicio, e comecemos, em detalhe, a inspecção dos quadros. Não é facil este trabalho, porque as télas se deramam e se espalham sem classificação de especie alguma. Não se agrupam conforme os auctores nem se arregimentam de accordo com a numeração. O systema—se ha systema—é extremamente fatigante para quem vai alli estudar e observar. Eu, por exemplo, para comparar, deduzir, synthetisar, quero vêr, num conjuncto, a obra do sr. Henrique Bernardelli. Impossivel. Tenho que andar procurando os numeros do sr. Bernardelli de um extremo a outro do salão, numa sarabanda que acompanha o sabbath das télas. Vou ao sr. Joaquim Fernandes Machado, que foi aquinhoado em 1901 com o premio de viagem. E' curioso, este sr. Machado, dizem. Os zigues-zagues, porém, que me obrigam a traçar, para vêr os seus dezesete quadros, desorientam-me. Ah! não, é forçoso desistir, a tarefa é ardua, perambulamos com calma pelo recinto e folheamos trabalhosamente ainda assim o catalogo segundo a contradaça dos numeros. E o exame torna-se inexequivel, as noções baralham-se, ha alli uma gigajoga de algarismos á nfa, uma barafunda onde a gente se perde. O catalogo, nesse labyrintho, não é positivamente um fio de Ariadne. O melhor é ir vendo paripassu as télas, fixando as que, por um motivo ou por outro, se destacam. E assim passo defronte das appetitosas pinturas do sr. Petit, das indefectíveis polychromias do sr. Angelo Agostini, deparo um sem numero de inconsistentes aquarellas femininas e masculinas, cabeceio diante de uns estudos de cabeça, embarafusto pela abundancia afóra das paysagens, páro, para respirar, ante uns retratos que eu olho e que me olham, compunjo-me em frente a uns altares muito alvos de umas capellas muito brancas, vejo o mar barra a fóra e barra a dentro, vejo Paquetá, Itapacy, Andarahy, Copacabana e Leme, defronto a Praia do Russel e esbarro com o Morro da Viuva, vou a Petropolis e logo a dois passos dou commigo em Nitheröy, surjo no Tyrol, em Saint-Cloud, em Villemeux, em Carrara, margeio o Sena, subo á Pedra do Mirante e caio, com a sra. Sarah Del Vecchio e a sra. Amalie Pfam, no meio de uma orgia de fructas de conde, melancias, mamões, peixes, aves, tangerinas, cachos d'uvas, pecegos, marmelos, cajús, abacates e abacaxis, e

fico, naturalmente, no meio de toda essa natureza morta, morto.

Dizer que não ha em todo esse bazar de côres uma obra positivamente notavel, uma unica pintura que reclame a attenção! O sr. Henrique Bernardelli tem duas aquarellas e cinco retratos. As aquarellas são indifferentemente quaesquer e os retratos, se eu exceptuo com muita benevolencia o do sr. Arthur Napoleão, são communs. A aquarella é um naufragio para os artistas e não é para os dilettantes o mar a beber. Estes fazem aquarella pensando que é o genero para elles mais facil e aquelles julgando que a difficuldade para elles no genero é nulla. E as aquarellas, na Exposição, fracussam, a não ser, tal o horror do resto, um trabalho do sr. Eliseo Visconti, *Leitura*, e outro do sr. Modesto Brócos, *Cabeça de contadina*, duas aquarellas de factura diversa, esta feita pelo processo da mancha e aquella pelo processo do traço tenue e seguido. A cabeça da camponia tem relevo e expressão e os dois petizes a lér um livro estão vivos e vivazes. No entanto, o sr. Visconti, que é um dos nossos mais originaes e fortes pintores, expõe, a dois palmos dessa, uma outra aquarella em que as manchas da paysagem são manchas da sua bella reputação de artista: não parece do mesmo auctor da *Leitura*, esse mosaico de borrões. Monopolisam, aliás, a monomania aquatica assras. dd. Anna da Cunha Vasco e Maria também da Cunha Vasco, discipulas do sr. Benno Treidler, que nos offerece igualmente aquarellas. Não se pôde affirmar que as discipulas excederam o mestre nem que o mestre tenha feito melhor, para dar o bom exemplo, que as discipulas. Eu reconheço o talento do sr. Treidler, mas o sr. Treidler, que tem talento, não ha duvida, e o tem mostrado, ha de reconhecer por seu turno que aquelle aspecto chuvoso da Gloria não é aquarella não é nada. Quanto ás suas discipulas, é, não vou longe disso, uma amavel e quicá louvavel tolerancia admittil-as á Exposição, mas que o jury lhes conceda menções honrosas, não comprehendendo. Porque não se honorificou, nesse caso então, o sr. Raphael Frederico com a sua aquarella *Aos Cajús*, que pela *gaucherie* do conjuncto e pela ausencia de concepção e execução, corre parellhas com as das duas exposicionantes! Que o dilettantismo aquarelleje ás occultas em sua casa tranquillamente e que a ninguem mais senão aos artistas seja patefacto o ádito das exposições officiaes. E que haja rigor para que o estimulo se desperte e o trabalho inspirado e serio renasça. A aquarella não é pintura de principiante nem de amator. A moça que aprende desenho guarde no seu quarto as suas aquarellas e o aman-

tetico das bellas-artes reserve para si e os seus amigos as suas. Nada de exposições. Ainda ha pouco tempo, viu-se aqui, num reclame ousado, o grammaticista João Ribeiro annunciar que no Rio havia, injustamente ignoto, um aquarellista unico. João Ribeiro obrigou o aquarellista unico a revelar-se, e o homem, occulto na zeugma de uma modestia em que *per omnia secula* devêra ficar sepulto, um dia appareceu. A sua exposição era uma cabra-cêga cahotica de pinceladas. Provou-se que o aquarellista unico não tinha, com effeito, rival no desplante com que se impingia ao zabumbar dos reclames, mas uma segunda exposição flagellou a Arte. Arthur Ferreira, era esse o aquarellista, tinha durante um anno commettido setenta e tantas copias de parasitas e tinhorões, e tulo aquillo emoldurado grimpou os cavalletes exhibitorios. Era a invasão do barrão, era a praga da bóta em rosso, a hortulania do sr. Arthur Ferreira esparramando tinta ao assalto da admiração burgueza. Ora, o sr. Arthur Ferreira, que não é um artista, mas um amator, aliás próbo, exclue-se ou tem sido excluido, das exposições officiaes, e com razão. Porque, pois, abrir logar para outros poncivos amadores? E porque premiar, além do mais, amadores que nunca passarão irrefragavelmente de amadores? Mas eu ia fallando acima do sr. Henrique Bernardelli como aquarellista. O seu principal trabalho é o quadro *Como faria Casals?* Está alli um velho a pensar com o seu violoncello diante, como é que Casals, o violoncellista em gyro, executaria o que? Qualquer cousa. O assumpto é impresstavel. O olhar do bom homem nenhuma hesitação exprime e aquelle violoncello está obstrutivo e enorme. Como technica, não digo que essa aquarella seja um aleijão, mas não tem a precisão da contadina de Brócos nem a minucia dos petizes de Eliseo. O sr. Henrique Bernardelli, entretanto, tem um bonito trabalho no retrato do pianista Arthur Napoleão. Aquelle piano, naturalmente, é um trambolho e está photographico, mas o perfil do pianista é animado e o olhar vive. Quasi em frente, executado na mesma orientação, está o retrato do sr. Alberto de Faria. Como retrato, vae-se-lhe todo o merito pela falta de semelhança; como obra d'arte, não se lhe salva nem a intenção decorativa dos cavallicóques que, no baixo relevo do fundo, cabriolam ante a impassibilidade do sr. Faria, abstracto nopenso afan de uma digestão difficil. No entanto, o sr. Henrique Bernardelli tem, como pintor, não pequena valia. Ainda ha pouco vi, na casa Vicitas, um quadro seu que é um primor. Intitula-se *Visão*. E' um frade em extase, que a tentação de rojo aos seus pés

não póde empolgar. A physionomia cheia de goso e uncção do frade, ao qual a Virgem com o divino Infante apparece, é um estudo absolutamente notavel, e o quadro tem detalhes que agora não vem de molde frisar, mas que revelam, peremptoriamente, no sr. Bernardelli, o artista, e não simplesmente o pintor.

Quem não é artista nem pintor é o sr. Joaquim Fernandes Machado, que se apresenta na Exposição com uma abundante bagagem variada e impessoal, paisagens, flores, phantasias, estudos. Ha no sr. Joaquim Fernandes boa dóse de pretensão, e o seu quadro *O Christo curando um paralytico* é dos mais pretenciosos. Ha no local um poço em torno do qual se adunam, perto do paralytico, judeus. Ao fundo, muralha de pedra grossa com uma porta á esquerda que deixa vêr uma vaga intenção de casario longinguo ou propinquo. Os judeus estão indifferentes, o paralytico, sentado numa pelle, nem dá pela presença do absurdo Christo que o pintor lhe poz em frente. E' um curioso Christo, esse do sr. Fernandes, sem majestade, magro, baixo, feio, um boneco de cabellos amarellos, com um *cache-nez* passado ao pescoço, um typo vulgar e miseravel, de uma execução infeliz e penosa. E não é só esse quadro que nos desillusiona a respeito do sr. Fernandes. A sua *Tentação de Santo Antonio* (de que Santo Antonio se trata aqui?) é uma pilheria fatua. Numa gruta um monge levanta dois esconjurativos dedos ante duas mulheres nús, uma commodamente deitada e outra calmamente sentada, emquanto ao lado, dentro de umas pinceladas roxas, saracoteia um mostrengo, que deve ser, na concepção do pintor, o demonio, intrusamente sobejo allí, porque, se era questão de tentar o santo, já o diabo se achava competentemente representado pelo elemento feminino, muito anodynamente aliás scenographado. A tēla nada insinúa: allí não ha tentação, não ha combate intimo, não ha pugna espiritual nenhuma. Aquelle feto infernal a cirandar então dentro daquelles tremeliques de tinta roxa, é, não ha negar, de uma insipida e arbitraria phantasia. Santo Antonio (já que assim o denomina o pintor) não se dá, é o que vale, por muito achado com aquellas aparições do além e, se não faz caso das duas nudezes que se lhe antolham, tão pouco liga a minima importancia ao capiroto violaceo no seu *delirium-tremens* sulfurico. E as paisagens do sr. Fernandes são nullas, como aliás a grande maioria das paisagens. Destaco, entretanto, para lhe elogiar a technica, uma paisagem, *Copacabana*, do sr. J. Baptista. Sob um céo magnifico, que é bem o nosso esplendoroso céo, amontoam-se os montes, cheios de verdura intensa, que, luxuriante, viceja ao sol: é um

trecho da nossa natureza opulenta, apanhado com vida e sem a vulgaridade actual dos fazedores de paysagens. Ao fundo, no cabeço de um morro, cuja perspectiva é magistral, encrespa-se a selva farta dormindo á luz vaporosa... E' pena que seja uma pay-sagem desaproveitada, que se limita a estacionar na copia. O primeiro plano dessa tēla é miseravel de prosaismo servil. Porque tudo quanto é copia do natural mata a Arte. Se o artista não souber evocar — seja o artista qual fôr — o mysterio que adeja e palpita em torno de nós, se elle não souber interpretar o seu assumpto e vivificá-lo, será um mero artifice, mestre no seu *métier*, nunca será, porém, um artista. A primeira qualidade do pintor é saber escolher o seu assumpto e a segunda é inocular-lhe, atravez do seu temperamento o filtro que o fará fremmer e viver. Ha, naturalmente, assumptos que devem ser proscriptos, como, por exemplo, nesta Exposição, *A pedreira do Morro da Viuva*, do sr. Araujo Fróes, ou a *Scena domestica*, do sr. Modesto Brócos, ou a *Estrada de Furu-juba* do sr. Honorio Esteves, ou a *Nossa casa*, da sra. d. Angelina de Figueiredo, ou, finalmente, para não onerar columnas, a *Lavadeira*, do sr. Evencio Nunes. Pois uma pedreira é assumpto para um quadro? É aquelle tacho, do sr. Brócos, e a preta a atichar o fogo e a sinhá-moça a mexer o tacho, e as achas de lenha pelo chão e tudo o mais que enche aquella scena domestica desanimadora? É a casa da sra. d. Angelina que interesse nos desperta a par com a estrada do sr. Esteves? O sr. Evencio Nunes pinta-nos uma rapariga que lavou muita roupa e trata de a estender no coradouro. Isso não são assumptos, como não o são tambem todas essas pay-sagens reproduzidas daqui e dali. Quando é que os nossos pintores hão de convencer-se que toda e qualquer copia de montes, arvores, céos, valles, choças, barrancos, regatos e tudo quanto póde entrar numa paisagem, permanece nulla e vã, se á copia não vier juntar-se algo de extranho que o artista arranca de si e do ambiente? De resto, a paisagem pela paisagem não tem importancia artistica, é um exercicio de desenho como os estudos de cabeça ou de natureza morta; é um méro contingente. E por isso tanto pintor se inutilisa, sacrificando o ideal ao prazer ephemero de pintar vistas, casas, flôres e fructas, numa especialisação democratica de habilidades, demagogos da Arte a inferiorisarem-se longe dos aristocratas da Idéa, que, cultivando os generos, não os aproveitam senão como auxiliares na occasião opportuna de crear a obra que immortalisa e glorifica.

Passo portanto de largo por todas essas paisagens inteiramente incu-

riosas, por essas naturezas mortas lamentaveis, por esses estudos de cabeça insignificantes. Que hei de, com effeito, dizer do *Fim da jornada*, que valeu ao sr. Baptista a medalha de primeira clásse, e da *Noite de espectáculo*, do sr. Rodolpho Chambelland, que obteve, em vista desse quadro, a medalha de segunda classe? O *Fim da jornada* é um carro de bois por uma estrada, entre frondes d'arvores que além se envolvem no lusco-fusco natural da hora, e a *Noite de espectáculo* é uma tréva salpicada de lumes de portas, de lanternas, de charutos accesos, de fócios electricos, na qual tréva se amalgâma uma multidão que debanda. As naturezas mortas? Hei de fallar nos pecegos do impune sr. Petit, na sra. Pfam, que nos manda lá de S. Paulo umas venenosas fructas, na sra. Sarah Del Vecchio, que, na qualidade atroz de sincera discipula do sr. Petit, exhibe melancias inteiras e em talhadas, tangerinas descascadas ou não, abacates de reconfortar a alma e fructas de conde de extasiar o espirito? Os estudos de cabeça, esses já de si tambem nada nos importam. Os estudos ficam nos *ateliers*. São estudos. Vá que se admitta o sr. Rodolpho Amoedo com os seus ensaios de encaustica. E' um professor que está louvavelmente tentando um processo, no qual, se não obtém abortos geniaes, apresenta, entretanto, umas cousas com desenho, simples retratos. Mas que o ensaio não dure muito, porque é tempo que o sr. Amoedo deixe a omelette e principie a pintar, como, em summa, parece resolvido a fazer o sr. Manoel Teixeira da Rocha, que tem um *Interior com figura*, de uma execução firme e larga. Está aqui um pintor que, se quizesse, faria obra de folego. A sua invenção é minima, prova-o a *Paysagem com cabras*; mas a sua technica é precisa, o seu traço é de mestre e as suas tintas são exactas. Ainda poderei citar o sr. Eduardo Pinheiro de Lemos e as sras. dd. Juliette Wencelius e Beatriz Savio. O primeiro tem duas paisagens em que ha minucia de desenho e pouca largueza de execução: em ambas, arvores, folhagens, regato ao meio com uns animalejos a abeberarem-se. E' pobre, mas promette. As duas senhoras dedicam-se a umas especialidades rudes: a sra. Wencelius tem um *Dessus de porte decoratif* tetrico: quatro espeques d'arvores carbonisados, á esquerda, de sentinella a um charco umbroso onde vagam brumas. E' diluido, informe, soturno, pouco, portanto, decorativo. Valham-lhe uns luares, um pôr-do-sol e uma manhã, que, se não espantam, mostram algum talento. A sra. Savio é discipula de Malaguti, esse artista de merito que nos deu nesta exposição apenas um esboço nú com futuras in-

tenções decorativas. E' pouco e rudimentar para Malaguti. A discipula faz estudos de claro-escuro. O escuro sobre-leva ao claro. São vasos com flôres e flôres sem vasos, numa incineração densa. A sra. Savio devia ter-se dado uma fadiga immensa para conseguir aquillo. Talvez lhe fosse aconselhavel tentar, com as sras. Vascos, mas em segredo, a aquarella e abandonar, embora com tão proficiente mestre, o claro-escuro.

E o sr. Helios Seelinger, deixaræi de fallar delle? Não, fallarei delle, do sr. Fiuza e do sr. Dall'Ara. Quem não conhece Helios Seelinger pela sua maneira macabra e pelos seus assumptos estrambos? Eu admiro Seelinger, cujo talento é real. Desta vez, porém, o auctor dos *Faunos*, por bizarra anomalia, apresenta-nos uma série palpavel de indiscutíveis botas. Retratos e paesagens, tudo é pastoso, mediocre, chato, positivamente abominavel, não se salvando nem o autoretrato, que é um sujeito cinzento num fundo de ouro. O sr. Fiuza esteve tambem abaixo dos seus creditos, que são merecidos. Faz muito triste figura com uma cabeça de estudo e um recanto do Tyrol, como o sr. Dall'Ara com uma insignificante paesagem. São dois artistas de talento, no entanto, e que não tem razão alguma para tão mesquinamente se manifestarem.

E que pena a gente dar pela ausencia de alguns pintores, como Decio Villares, de que ainda ha dias vi um quadro de uma delicada perfeição, *De penitencia*, que por signal a sra. d. Irene de Andrade Ribeiro agora imitou, e mal, no seu *De castigo*; pintores como Parreiras, que faz as suas exposições isoladas todos os annos e cujos trabalhos gostaríamos de vêr allí no salão official...

Emfim, a Pintura, na terra da Politica, da Intriga, do Egoismo, não poderá dar senão estas annuaes amosttras, gélidas e enfezadas, e a Exposição Geral de Bellas-Artes vai-se tornando, de doze em doze mêzes, cada vez mais esteril e vasia, creando medalhões e nullidades. A Arte, em summa, neste paiz onde ha artistas, fez-se o monopolio de meia duzia de illetrados, tendo a Critica descido cabisbaixa do seu pedestal para sentar-se na cadeira dos noticiarios sem preparo e sem independencia. Os pintores pintam paesagens sem alma, desenham fructas, estudam cabeças, e o sr. Rodolpho Bernardelli reune todos esses quadros que urlam de se acharem juntos para a Exposição de Setembro, addiciona-lhes uma dôse de pobre escultura e indigente architectura, e eis o nosso Salão official, onde o sr. presidente da republica nem sequer se dedigna de pôr officialmente os pés...

Decididamente, a Pintura, entre nós, não promete medrar... Agora

compreendo a allegoria da capa do catalogo: aquella criança atoleimada e supplice, em cujas temporaes se exasperam urzes, é certamente a nossa Arte adolescente e inculta, que dolorosa, e ainda assim esperançada, implora, mãos em cruz, piedade aos algôzes que a martyrisam.

Essa piedade não virá tão cedo. As exposições setembraes continuarão môrnas e morosas. Teremos de vêr as mesmas aquarellas, as mesmas paesagens, os mesmos retratos, os mesmos bonecos, a mesma furia das naturezas mortas, assistiremos á chromo-pintura do sr. Angelo Agostini, supportaremos a pertinacia immune do calamitoso industrial sr. Petit, admittiremos o sr. Thu-Ceu-Han, o sr. Pedro Bolato, o sr. Alberto Delpino, o sr. Honorio Esteves, todas essas senhoras e senhoritas que aprendem sempiternamente desenho e, quem sabe, talvez, aos nossos olhos pasmos, lá se ostentarão um dia tambem, para complemento de tudo e mal dos nossos peccados, os srs. Arthur Ferreira e João Ribeiro, com aquarellas.

Ah! senhores, nesse dia, *dies illa*, que será da pobre Arte maltratada e inerme? Affirmar-se-ha a victoria decisiva do dilettantismo e o triumpho completo dos medalhões, e o sr. Rodolpho Bernardelli ficará sendo o astro-rei do systema planetario artistico do Brasil, assim como já é o empreiteiro vitalicio de todas as apothoses bronzeadas da Patria.

Padre J. SEVERIANO DE REZENDE.

Depois do *Luzia-Homem*, que, ha cerca de anno e meio, foi recebido generosamente pelo publico e pela Critica, o sr. Domingos Olympio, nosso director e nosso amigo, lançou a escripta de dois outros romances — *O Almirante* e *o Negro*.

Já sobre o primeiro, correram noticias de apparecimento em livro.

Mas, não era isso exacto. O nosso companheiro, tendo idéa constante de fundar *Os Annaes*, sempre imaginou publicar o seu trabalho antes em columnas de revista, e depois em volume.

E' por esse motivo que *Os Annaes* encetam a publicação d'*O Almirante*. Não nos peza dizer, por que Domingos Olympio é nosso chefe, que o novo romance não deshonrará o nome do auctor do *Luzia-Homem*.

## MEMENTO

Tantos bons corações no meu caminho  
Encontrei: uns feridos, em pedaços  
Outros; e, nenhum delles sem os traços.  
O mais feliz, do mais acerbo espinho.

Todos elles fallavam com carinho  
De perdidas paixões, de rotos laços;  
E as marcas dos mais perfidos abraços.  
Diziam serem doces como o arminho.

Traições, desgostos, penas, amarguras,  
Aquillo que não mata e que enlouquece,  
Cousas achavam elles, as mais puras...

Oh! corações ingenuos, eu vos louvo,  
Louvo-vos, porém digo: ai! do que esquece,  
Que, o que soffreu, vem a soffrer de novo!

GUIMARAENS PASSOS.

## A LIVRARIA

—:—

CONFESSOR SUPREMO—LIMA CAMPOS.  
LAEMMERT & C. EDITORES

A casa Laemmert teve a fortuna de editar *Os Sertões* e *No Japão*. Depois destes dois livros essenciaes, o primeiro, sobretudo, de um rebrilhante e extraordinario successo, ella se anda solapando em infortunios de officio.

Atirou ao publico, com pressas de fancaria, ao nosso publico enfreado de indolencias desconfiadas, uma qualquer meia duzia de brochuras idiotas, de um futil inolvidavel, manquejando em prosa e verso, desde uns *Novilunios* e *Pompas* até á tollice ultra Instituto Historico de uns *Perfis* e *Impressões*— com escalas pela *Myrrha* e pelo padre Guizan. Até certo ponto, essa livraria, escorada em tradições de serviços, tem feito dos crystaes das suas *vitruines*, canos de exgoto de umas borras litterarias onde a miseria, latejando variedades incriveis, bole, continúa bo-lindo, como symptomas que podem documentar as indigencias de cerebro, já denunciadas contra o Brazil.

Mediante um tal processo — publicar livros, á custa de cobres pingados, sem mais exame, que seria o pudor profissional — não será difficil á casa Laemmert, a quebra do seu justo prestigio junto ao publico. E de um publico, (refiro-me ao que tem juizo) que, afocinhado em boas leituras do estrangeiro, ainda lê um livro nosso segundo a casa que o edita, ou, em geral, quando é Machado de Assis o escriptor.

Mas, e sobretudo, é tambem de commercio a notavel livraria. Dest'arte, não será muito difficil, em primeiro logar, que esses editores vendam um pouco

desse prestígio a um sujeito que perdido na inconsciência da sua pèquice, venha a impingir, como Laudelino Freire, *panelladas* de provinciano aldeão, ou, como o padre Guizan, as maravilhosas bestidades que desvelam no vigário, um talento inexcedível, especial de dizer asneiras.

Uma casa editora, á semelhança da que dirige, com a superioridade diligente de um apaixonado, o sr. Gustavo Massow, não seria nem liberal em recolta de *Myrrhas*, nem vencida pelo absoluto dinheiro, em pescas de *Via-gens na Europa*. Sob o tino crítico de um intellectual, apprehensivo na arte e no negocio, sem somnolencias que só levantam a palpebra para ver os pronomes e as caturricas fradescas, é certo que a tropa não estiraria o focinho aos editores.

Desse padrão de criterio que, nas condições acima, não pode dar o sr. Said Ali, por exemplo, resultaria claramente que só quem carregasse os mantimentos divinos de espirito, se ariscaria a publicar livros. Estou a ver que o vendilhão dos *Sonetos Brasileiros*, ou o dos *Prosadores Contemporaneos* não se metteriam a litteratos, e o pensamento nacional não se deshonraria mais com a concurrencia dessa litteratura que o sr. Mello Moraes, irradiando cynismo, anda fazendo do suor do proximo, com benevolencias da policia.

Por outro lado, ainda segundo o mesmo criterio, nem Tourinho, nem Padre Guizan, nem Armando Dias, nem Amorins, esfaqueando os brios congenias da especie humana, viriam esfoguear as suas fancarias d'algazarra. Mas, os srs. Laemmert rehabilitam-se, agora, dessas exuberancias de piedade e de lucro, dando-nos um livro bom, umas duzentas paginas fortes. Deve-se elle a um dos mais energicos e originaes talentos das modernas rodas litterarias do Rio. O livro é o «Confessor Supremo». O talento é Lima Campos. Lima Campos era escriptor de revistas, e raramente de jornaes. Algumas das suas composições, hoje bem arrumadas numa brochura que não adormece, como os *Sertões*, em flores de café pela capa, varios desses escriptos — a linda *Velha Mangueira*, o formidavel *Cake-Walk* — appareceram na *Atheneida* e no *Kosmos*. E' portanto, no sentido academico, o seu primeiro livro.

Os contos, por via de regra, são curtos, separados entre si por uns *instantaneos*, que os arejam, e nos quaes o auctor visionou sapear o ridiculo de uns homens e de umas coisas, com umas subtilizas de satyras, meio aéreas, meio intangiveis, mas irradiantes do calor do homen que as sentiu.

Lima Campos pratica a sua litteratura, em assumções ideaes de amor. A sua alma estremece puramente.

E ri, ou soffre, com sinceridades magnificas, em cada sulco da sua penna.

Vê-se, de pressa, que é um escriptor, — os senhores sabem: um individuo que pensa, em phrase que encanta. De tal sorte, tem a dignidade exterior do homem de letras, — um estylo seu, pessoal, de originalidades, — a serviço de qualidades de pensador, que completam, essencialmente, o litterato.

(Recordo isto porque, entre nós, difficilmente se alliam essas virtudes, como neste momento, em Portugal, na livraria de Grave, Montalvão, Correia d'Oliveira, de Raul Brandão e João Barreira, ou na obra sumptuaria, plena de luz incomparavel, de Fialho d'Almeida).

O artista do *Confessor* vibra nervos, empurra gestos, aquelles gestos redondos, exactos, que se cortam, que se encontram, em denuncias silvantes do seu espirito. Por isso, os seus escriptos não enlanguescem, nem na frieza sensaborona, inoffensiva, uma frieza de phrase opaca, ennevoadada que, entre nós, faz agúados tantos estylos, desde os da escola suburbana, de que é chefe regenerador o sr. Cruvello de Mendonça, até ás inaccessiveis torpices criticas, poeticas e litterarias do sr. Laudelino Freire — um homem que devia estar preso.

Num estylo de pompas, por onde esbraceja o seu temperamento, Lima Campos pôz a publico ora as gradações epilepticas do *Confessor Supremo*, ora a vertigem esfusante do *Cake-Walk*, numa perfeição de realidades photographicas.

Tambem prolonga a melancholia do *Pharoleiro* — melancholia super terrestre em que o forte paysagista, em periodos que ficam, nos transmite, com effeito, o que pode ser de ingenua, de bemfaseja, de somnolenta, a tristeza de um sujeito enrolado em aguas que espiam os seus viajantes por um olho que, ás vezes, se estira «em extensa lagrima roxa — milhas em fóra enviuvando o mar». Ha que destacar de uns contos murchos, sempre cheios de estylo, mas sem assumpto, a «Velha Mangueira,» as delicadezas da «Tia Martinha,» o «Natal,» as instrucções sobre cerveja do «Grande Sataninium» e a «*Mater Regina*,» onde a Cleofás realisa uma estupefacção com «as mãos cahidas sobre o regaço e a cabeça exposta, brilhando á luz agonica do sol morrente os fios loiros e os fios brancos, que eram o oiro que Deus lhe dera e a prata que o tempo trouxe» E dentre os *instantaneos*, os pedacinhos de prosa que se não esquecem no intervallo dos contos, para allivio de quem canse, lembro, emfim, o que conta de um touro que «irrompe — alto, negro, soberbo, á bocca escura da furna, do quadro trevoso do curro.»

E' linda a pagina; lembra a «figura de um mytho, de um minotauro,

accordado de repente do seu somno de milhares de annos, que viesse a irromper da treva e do mysterio de uma religião ja morta, para estacar surpreso, na fronteira luminosa do mundo de hoje, olhando, abysmado, as coisas novas da vida e os novos aspectos!»

Mas, por bellezas que dispenda, ao par d'outras, tapando-me os olhos com deslumbramentos, diabo leve o sr. Lima Campos, que escreveu á ultima pagina do livro, com alambicados de novidades nephelibatas:

«*Cariocopolis* — Agosto — 1904.»

ALMA DORIDA — CYRO DE AZEVEDO.

H. GARNIER. LIVREIRO EDITOR

A casa Garnier, tendo que zelar antigas tradições, encarece o seu nome, mais que a Laemmert o seu prestígio, na divulgação dos livros nacionaes. E' a editora, com o *gato* typographico por marca da fabrica, dos nossos melhores escriptores. E', mais do que isso, editora de Machado de Assis. Mas, para variar, para distinguir perfeitamente o bom do máu, de vez em quando faz de Quaresma. E então, louvado Deus, empalha (não é empilha) empalha a *vitrine* das litteraturas que dos outros — coitados! — escamoteia o sr. Mello Moraes.

Este homem, pelo que nos tem espirado de original, de intenso, dá excelente parelha com o sr. Ramiz Galvão, ou com o sr. Rodrigo Octavio, no que este pensador revela de singularmente brilhante da sua collaboração do Almanaque Garnier — um lindo trabalho, bem assignado, que a gente lê, chorando inveja, sobre os membros da Academia Brasileira. Na edição de 29 do mez passado, publicou o *Paiz* o seguinte telegramma de Buenos-Ayres —

Tem causado verdadeiro successo, o livro do dr. Cyro de Azevedo, «Alma Dorida».

Este despacho deve ser uma simples gentileza de cofrespondeute, amigo ou cortezão do nosso sr. ministro naquella cidade. Não é possivel suppor que os contos desse litterato sportivo façam successo, perante o espirito de um povo, acorrentado ás scintillancias da mentalidade européa, por toda a sorte de snobismo. Em todo o caso, tirando o *verdadeiro* do telegramma, fica o *successo*, do correspondente. Ainda assim, o recadinho da estonteante capital portenha, deshonra a gente argentina. Quasi sempre, um livro de contos, mesmo, hoje, os mais commoventes, não levanta «um verdadeiro successo».

Porque, como vocês sabem, essa especie litteraria, apezar de Pöe, por exemplo, é preferida para os assumptos leves, faceis, sem folego, que, de facto, não supportam as grandes, as pro-

fundas visões de espirito. Geralmente a estrutura de um conto é futil, não dá ensejo a impressivas unidades dramaticas, aos lances, aos quadros, ás penetrantes invasões do sentimento. Ora quem tem um « caso » que assuma, precisamente, todo esse activo, não o alastra em poucas paginas, não o estende em pequeno campo; não fará um conto—méro allivio por onde o escriptor desafoga as minuscularias das suas fortes elaborações.

Tudo isto em principio, para explicar a difficuldade dos verdadeiros successos das obras primas do genero. Em realidade, só um povo, de ignorancias pungentes coroarâ, num excepcional d'acclamações, os contos do illustre diplomata. O seu primeiro defeito é o mais réles, o mais hediondo desconhecimento das lições contesinhadas de grammatica portugueza. Seria gloriosamente reprovado num concurso de praticantes do Correio.

Esse defeito, que espalha manchas por todas as 174 paginas dos dez contos, passaria até despercebido si elles não fossem escriptos no estrangeiro, em Buenos-Ayres, onde todas as coisas se fazem negras num contraste favoravel ás brancuras rutilantes do sr. Cyro. Suppõe-se, com muita observação, que qualquer seu collega naquella cidade saiba mal a sua lingua.

O que, porém, se jura, sobre os Santos Evangelhos, é que nenhum desconhece tão futilmente a sua, com s. ex. diplomatica desconhece, tão vergonhosamente, a portugueza.

Na emergência difficil de um debate, de uma duvida sobre o genero da palavra *dó* em todos os idiomas, o sr. Mitre, no desejo de escangalhar outro Mitre, creio á mão do sr. Oliveira e Silva que pediria protecção ao corpo diplomatico, junto ao presidente Roca. Mas, si, cada vez mais senil, o general batesse ao thesoiro scientifico do sr. Cyro, este lindamente responderia :

— Na minha lingua, grande emulo de Dante, *dó* é do genero feminino ! —

Tudo isso parece sem importancia. Vejam, porém, que a posição social e official do ministro brasileiro em Buenos-Ayres, exige que elle, ao menos, balbucie a lingua da sua correspondencia com o grande homem que lhe é chefe.

Eu si fosse lá ao representante de Eduardo VII, e lhe gritasse :

— Você, John, sabe a regra da concordancia do possessivo em inglez? — o homem faria escandalo e, á eloquencia de alguns ponta-pés, me diria : — com o possuidor. — O sr. Cyro, não. Baixaria a pestana, que elle queima no serviço da psychologia; metteria o rabo entre as pernas, que elle enrija na delicia do *foot-baal*, e *moita!*

Depois desses desastres, parece que, no Rio, em casa, s. ex. faria melhor carreira litteraria.

Experimente. . . Aqui, a limpeza da linguagem, em que pese aos pedagogos ancestraes, é provisão secundaria.

Ninguém, no Brazil, deixa de amar, puramente amar, o Eça, o Fialho, o sr. Machado, só porque este, escreva numa das « Paginas Recolhidas » — *faziam as delicias*. Aqui mesmo, é exacto, toda a gente teria de um escriptor que ejaculasse, como Cyro, no principio de um periodo do *Vanitas* — « *se esfumavam* aos poucos, as linhas da paisagem » —, o mesmo nojo que se tem de um homem, de responsabilidade, que enrôle o pescoço num collarinho negramente pautado de sujo. Nada obstante, mudaria de sorte o escriptor da *Alma Dorida*. Vou encambar os solecismos e cyrismos de s. ex., e manda-los ao sanatorio do sr. Mario Barreto — esperança de moço que não esbarrará as suas aspirações nos duros estudos da lingua, como ninguém esbarra no alfaiate, todos os desejos da sua missão na Terra. Depois da cura, depois da alta concedida pelo jovem hygienista, *Alma Dorida* ficará na estante, quasi como um doutor num concilio, desafiando á Critica, as peremptorias sentenças, que digam : — Desses cathedrauticos do *já feito*, é o sr. Cyro um dos extraordinarios, por uma serie de motivos — pela graça colante de umas phrases, de effeito raro, de effeito orchestral; pela asneira de umas theses, idiotas e improvaveis, como na *Alma Dorida*, no *Sr. Conde*, no *Beijo*; pelo coxear infantil da sua linguagem, não sabendo, emfim, collocar os pronomes, nas casos mais rudimentares, até á velliacaria commoda de evitar a fusão de *a a*, segundo a figura crase. Já agora, não me inquietá o livro, chamado pelo auctor a realizar psychologias shakspeareanas. O que me inquietá, e não menos inquietá está a Critica, é que elle não emendará a grammatica, nem documentará a psychologia, tendo, como escora do volumezinho, a montanhosa auctoridade do ministro do Interior da Republica Argentina. Isto, infelizmente, não impede que o mirifico litterato deva, a esta hora, estar sendo estudado pelo sr. Ramos Mejia, que annuncia para breve uma nova edição augmentada de *Los Simuladores del Talento*.

WALFRIDO.

#### «EDUARDO PRADO»

Tem este titulo o livro do sr. padre José Severiano de Rezende, que sahirá muito breve.

O padre Severiano notabilizou-se, entre nós, apenas com dois ou tres artigos. Baste isso, que é muitissimo, para esperar do nosso eminente collaborador, um livro forte. Está sendo editado, em São Paulo, pela casa Falcone.

#### «HISTORIAS RUSTICAS»

Já estão na Alfandega, os volumes das *Historias Rusticas*, novo livro de Virgilio Varzea, nosso brilhante collaborador. A edição é da parceria Maria Pereira, de Lisboa.

#### «CONTOS INFANTIS.»

Bilac e Coelho Netto prepararam um livro de contos infantis, illustrados pelo mesmo artista que illustrou as *Poesias Infantis*, do nosso Poeta.

A livraria Alves, que os editou elegantemente, expô-los-á, por estes dias, á venda.

#### Edições de Alves & C.

ARTHUR THIRÉ, Elementos de Trigonometria Elementar, 3\$000.

JOÃO BARBALHO. (Ministro do Supremo Tribunal Federal.) Constituição Federal Brasileira, com breves explicações para os que não são versados na lição dos publicistas e para as classes adiantadas das escolas primarias. 1 vol. 1\$500.

JOÃO RIBEIRO, (da Academia Brasileira.) Grammatica Portugueza, curso superior 11ª edição, completamente refundida, 1 vol. 3\$000.

NERVAL DE GOUVÊA, Lições de Phisica professadas no Externato do Gymnasio Nacional, 1 vol. 6\$000.

OLIVEIRA DE MENEZES, Noções de Paysica Elementar, 1 vol. 4\$000.

OLAVO BILAC, Poesias Infantis 1 vol. caprichosamente illustrado e impresso em Paris, 3\$000.

OLAVO FREIRE, Exercicios Cartographicos em seis cadernos, que se vendem separadamente, cada caderno, 400.

PACHECO DA SILVA JUNIOR, Noções de Semantica, 1. vol.

SYLVINO JUNIOR, Dona de Casa (a mais util publicação em portuguez) 1 vol. 2\$000.

#### DIVERSOS.

AMADEU DE VASCONCELLOS, Anno Sciencifico e Industrial, principaes descobertas scientificas de 1903, contendo 101, gravuras 1 vol. 3\$000.

ANTONIO CORRÊA DE OLIVEIRA, Ara. 1 vol. 3\$000.

ANTONIO CORRÊA DE OLIVEIRA, Auto de Junho, 1 vol. 500.

AUGUSTO FRANCO, Fragmentos Litterarios 1 vol.

ALEXANDRINO CHAGAS E RAUL CARNEIRO, Pathologia Indigena 1 vol.

ALFREDO VALLADÃO, Rios publicos e particulares. 1 vol.

ARNALDO FONSECA, Photographia das côres, pelo methodo directo, pelo methodo indirecto e pelo methodo mixto, estado da questão, sua realisação e actual solução pratica, 1 vol.

Fialho d'Almeida, Livro Prohibido. 1 vol.

GUERRA JUNQUEIRO, Oração á luz, 1 vol.

JULIO RIBEIRO, Padre Belchior de Pontes, nova edição, 1 vol.

LIBERATO BITENCOURT, Reforma do Exercito. 1 vol.

MARIA DA GLORIA FERREIRAS (Dra.) Estudos de Pedagogia Scientifica. Da educação da familia e na escola.

NOVEL, (C.) A Feicidade, 1 vol.

OCTAVIO DE FREITAS, Os nossos medicos e a nossa medicina, 1 vol.

RAUL BRANDÃO, A Farça. 1 vol.

SOPHIA DE SOUZA, Real Confeiteiro portuguez e brasileiro, 1 vol.

TOLSTOI, Conselhos aos Dirigidos, 1 vol.

VIDA AMERICANA. Industria pastoril, agricultura e fabricas nos Estados-Unidos, 1 vol.

VIRGILIO VARZEA, O Brigue Flibusteiro, lenda sobre a ilha da Trindade, 1 vol.

#### Edições de Laemmert & C.

LIMA CAMPOS, Confessor Supremo, contos, 1904. 1 vol. in-12, br. 3\$000.

CONSULTOR POLICIAL, guia para qualquer funcionario de policia, contendo todas as especies de formularios, acompanhado da jurisprudencia dos diversos tribunales e Juizes da Republica, pelo dr. Vicente Reis, 1 vol. in-12, enc. (1904). 4\$000.

FRANCO VAZ, Cymbalos, versos 1 vol. in-8º br. (1904) 3\$000.

VESPASIANO TOURINHO, Myrrha, romance-poema, 1 vol. in-12, br. (1904) 2\$000.

ANNIBAL AMORIM, Novos Poemas, versos. 1 vol in-8º br. (1904) 2\$000.

DR. M. BONFIM, O Facto Psychico, objecto da psychologia. Introducção a um curso de psychologia, (1904) 1 vol. in-12 br. 1\$000.

ARMANDO DIAS, Perfis e impressões (1904) 1 vol in-12 br. 2\$000.

DR. S. STRICKER, Physiologia do Direito, traducção de Adherbal de Carvalho, (1904) 1 vol. in-12, br. 4\$, enc. 5\$000.

AIMÉE BLECK, Principios Theosophicos, (1904) 1 vol in-12, br. 2\$000.

AFFONSO CELSO, Trovas de Hespanha, versos, (1904) 1 vol. br. 3\$000.

PADRE GUIZAN, Viagens na Europa, Suissa, Baviera, Austria e Italia; notas e impressões destinadas a Ricardo Drewitz, (1904), 1 vol. in-12, br. 3\$000.

#### Edições de H. Garnier

MILLE MONNIOT, Diario de Margarida ou Os dois annos preparatorios para a primeira communhão, traducção 2 vols. enc. perc. dourada. 8\$000.

HENRIQUE MARINHO, O theatro Brasileiro, alguns apontamentos para a sua historia. 1 vol. br. 3\$000.

CYRO DE AZEVEDO, Alma Dorida, contos 1 vol. br. 3\$000.

G. DELANNE, O Espiritismo ante a sciencia, traducção de Alberto Durão Coelho, 1 vol. br. 4\$000.

JOSÉ VERISSIMO, Estudos de litteratura Brasileira 4ª serie 1 vol. br. 4\$000.

MELLO MORAES FILHO, Artistas do meu tempo 1 vol. br. 3\$000.

D. LACROIX, Historia de Napoleão, illustrada com 75 vinhetas e retratos, traducção 1 vol. br. 4\$000 enc. 5\$000.

LE SAGE, Gil Braz de Santilhena, traducção 1 vol. br. 4\$000.

MACHADO DE ASSIS, Esaú e Jacob, 1 vol. br. 4\$000.

#### Obras no prelo

JOÃO RIBEIRO E MARIO DE ALENCAR, Paginas escolhidas da Academia Brasileira.

MANOEL BOMFIM, A America latina.

DR. ZEFERINO MEIRELLES, Febre Amarella, estudo medico.

H. ESPANET, A Pratica da Homoeopathia simplificada, trad: brazileira.

OSCAR DE MACEDO SOARES, Codigo penal Brasileiro, 2ª edição correcta e melhorada.

ROCHA POMBO, No Hospicio, romance.

SYLVIO ROMÉRO (da Academia Brasileira) Historia da Litteratura Brasileira, tº 3º.

AMERICO PEIXOTO, Pathologia Dentaria.

J. J. C. PEREIRA E SOUSA E A. TEIXEIRA DE FREITAS, Primeiras linhas sobre o processo civil, nova edição.

JOSÉ VERISSIMO, Homens e Cousas Estrangeiras. 2ª série 1901-1902.

ALUIZIO AZEVEDO, Philomena Borges SCHNEIDER, Guerra da Triplice Alliança.

JOSÉ TAVARES BASTOS, Serviço Policial no Estado do Rio de Janeiro.

PIRES DE ALMEIDA, O Cavallo e o cavalleiro.

DR. CARLOS ANTONIO CORDEIRO, Consultor Commercial. Nova edição completamente refundida, contendo a ultima lei das fallencias, por Oscar de Macedo Soares.

DIOGO PAIVA DE ANDRADE, Casamento perfeito, obra juridica, edição classica.

#### ROSA DAMASCENO

Trouxe-nos, a 6 deste, o submarino, a inesperada noticia do trespasse da actriz Rosa Damasceno, que o Rio de Janeiro mais de uma vez com justiça applaudiu. Rosa Damasceno era uma actriz de que o palco portuguez com razão se orgulhava. A sua forte educação artistica amoldava-se igualmente á tragedia, ao drama, á comedia, triplice manifestação em que o seu talento, ao lado do Brazão e dos Rosas, obteve triumphos que são para poucos. A lingua portugueza tinha um encanto especial quando era modulada por aquella voz positivamente comparavel á *voix d'or* de Sarah. O verso, ella recitava-o deliciosamente, e quem ainda hoje se não lembra da *Madrugada*, do Fernando Caldeira, em que Rosa Damasceno era insigne? E Desdemona e Ophelia, e aquella deliciosa ingenua do *Amigo Fritz*? O grande Garrett, ella teve a gloria e o merito de o interpretar com realce e fulgor. Ora, podemos dizer nestas poucas linhas, em que rendemos preito á morça, uma grande actriz, destas de que se ufana uma geração e de que se orgulha um povo.

#### O ALMIRANTE (1)

ROMANCE

POR

**Domingos Olympio**

#### CAPITULO I

— Que seria? — disse d. Eugenia, dirigindo-se á filha mais velha — Já passou a hora do jantar, e teu pae não voltou.

— E' na verdade, extraordinario, mamãe — respondeu-lhe a filha compondo os cabellos, onde alvejavam raras fios de prata — Ha muito tempo que não acontece tamanha demora.

— Estamos desacostumadas — accudiu outra filha, que se baloiçava, em abandono, numa cadeira austriaca deante da porta que dava para o jardim — Papae passava semanas no paço, e não sentiamos a sua falta. Elle vivia mais para a Côrte que para nós.

— E fazia muito bem — atalhou a mãe — O serviço de Sua Magestade antes de tudo: a patria primeiro, a familia depois. Além disso, a sua ausencia era compensada pela consideração, pela honra da elevada função ao serviço da augusta mãe dos brazileiros... Agora, depois do enterro do meu adorado monarcha, veio essa rale, essa falta de respeito.

E d. Eugenia, num enlevo maguado, afagava a grande moeda de ouro com o busto do Imperador em plena virilidade, um talisman que ella trazia sempre ao peito como um broche, para lhe nutrir a esperanza de não morrer sem voltarem os dias felizes, sem ver no throno os successores legitimos do magnanimo monarcha, morto no exilio, murmurando, na hora extrema, saudoso queixume do seu querido Brazil, da gente ingrata, a que elle consagrara toda a sua vida. Para a excellente senhora, a revolução fôra um desastre irreparavel, o desmoronamento das aspirações, que não erão demasiadas, reduzidas a casar as tres filhas e manter a familia com dignidade; a interrupção de habitos queridos, como si um violento sopro de desgraça houvesse toldado a serena atmosphaera do seu lar abençoado. Ella não se resignara jamais á dor de ver o marido, o honrado conselheiro Antonino Couto, privado da farda de veador de sua magestade a Imperatriz junto da pessoa do Imperador, que o estimava como fiel subdito e homem de letras, das boas letras de outr'ora, amoroso cultor dos classicos, com optima contribuição para os archivos do Instituto Historico, e larga mèsse de trabalhos occultos na penumbra da mais irreductivel modestia. Exaltando os meritos incomparaveis do esposo, d. Eugenia chegava a insinuar, com malicia ironica, que elle corrigira succulentos



productos da sabedoria imperial, cujos manuscritos de letra inintelligível, incerta, de acanhado traço feminino, sem indícios do vigor da mão adextrada nas redes do governo, letra vulgar miuda e acanhada em linhas irregulares, desequilibradas como uma velha cerca de gravetos desengonçados. O Imperador não baixava da região nebulosa, a que ascendera o seu espirito de polyglota, philosopho e estadista, á planície chata da grammatica; desdenhava a collocação dos pronomes e a pontuação, que confiava ao zelo indefectível do leal conselheiro, de uma dedicação devota, a passar noites e noites decifrando aquelles informes garranchos, que antes pareciam rastos de um mosquito encharcado no tinteiro. Erão delle, do Antonino, como lhe chamava o Imperador na intimidade; erão filhos genuinos do seu éstro, de um suave perfume como o das violetas, alguns versos que passavam por sublime producto dos ocios imperiaes, principalmente um soneto camoneano dedicado a ella, que era a Lydia dos amores de Elmano, quando namoravam num doce idyllo, que terminara, castamente no casamento. Fôra essa innocente imputação de peccado metrico uma gloria para a familia. Elmano transformado em conselheiro e veador; Lydia, a pudica donzella do soneto, ampliada nas fórmas fortes da matrona, afeiçoada á Côrte, muito desvanecida na sua ternura conjugal por ver os saudosos versos passarem, em segunda mão, á serventia do magnanimo coração do monarcha.

Corria-lhe a vida, como canôa leve sobre o espelho de um lago, quando a boa d. Eugenia foi, de repente, arrancada ao seu sonho venturoso, que se delin em tetrica realidade: espalhou-se por toda a parte, arrebatada nas azas de um panico terrivel, a inopinada nova da revolução. Batalhões em festiva marcha percorriam as ruas, erguendo retumbantes vivas á Republica, ao marechal Deodoro, aos proceres da rebeldia victoriosa, e atravessando como a caudal incandescente de um vulcão, as massas attrahidas pelo estranho rumor, immobilizadas num espasmo de surpresa. Mais tarde, negrejou o aspecto do sinistro acontecimento a prisão do Imperador no Paço da cidade, a perfidia de uns, a indifferença de outros, o medo dos mais achegados á corôa e o interesse do maior numero, cavando o valo do abandono, o vacuo da cobardia em torno da victima, do grande velho e da instituição que elle representava, derribados por um sopro, como as gigantescas arvores amazonicas sem raizes, como si durante tantos annos de poder absoluto, de poder pessoal, conforme proclamava a gyria parlamentar, não houvesse elle conquistado dedicações; não soubesse

fazer amigos capazes de defendel-o a preço da propria vida, e sustentar o throno, que era o esteio fundamental da felicidade da patria.

Na opinião de d. Eugenia, naquelle dia nefasto, o caracter nacional, atacado de pusilanimidade, immergira num pantano de vergonha e vilipendio.

Ella rebentou em desapoderado pranto, quando lhe disseram que o Imperador passara a sua derradeira noite no Brazil, sentado junto de uma meza, soffrendo uma perturbação intestinal, ignorando a intensidade do crime, que o victimava. Os poucos fieis, que o rodeavam, não acreditavam na victoria da revolução. Houve quem aconselhasse a transacção imposta pelas circumstancias. O marquez de P... subiu a Santa Thereza para consultar o venerando conselheiro Saraiva, pois julgavam que uma simples mudança de ministerio resolveria a situação. Esperava-se Deodoro, que fôra chamado ao Paço, quando se apresentou o major Solon, participando o facto consumado.

— Não me péza — disse então o Imperador, saccudido de commoção — deixar o throno; não me péza deixar o poder; péza-me deixar a patria e alguns amigos.

A cabeça encanecida pendeu-lhe sobre o peito, e dos pequenos olhos claros e azues, cerrados em funda meditação, rolaram sobre a barba branca lagrimas lentas, lagrimas de amargurada decepção e de resignada dor pugentissima.

Em torno delle, toda a casa imperial, velhos servidores aguardavam ordens. E um principe mandava fechar com pregos as janellas do palacio, como unico meio de defeza. Não tinham armas: a resistencia seria inutil. Doente, privado de todo o conforto, o Imperador passou a noite vestido, alimentando-se, durante vinte e quatro horas, com uma canja chilra, fornecida pelo Carceller, com permissão dos soldados rebeldes, que sitiavam o velho casarão, como si elle encerrasse nm malfetor abominado.

No dia seguinte, sumiu-se com a fumaça do *Alagoas*, atravez das fortalezas envergonhadas, onde não tremulava mais a gloriosa bandeira nacional, a derradeira esperança de d. Eugenia. Estava tudo acabado: a familia imperial deixara para sempre o sólo brasileiro.

Mas, era forçoso enchugar as lagrimas; era forçoso viver, uma vez que Deus não a matara de dôr e vergonha; devia viver para as filhas, pobres creaturas que não tinham culpa dos azares da politica, nem da maldade dos homens. Amelia evitara o casamento, esquivando-se aos muitos pretendentes que a cobiçaram; Laura era uma creatura doce, sempre creança aos vinte e oito annos; Hortencia,

porém, tão jovem, tão formosa, criada com tanto mimo, seria a victima, porque tinha aspirações de princeza; era activa nas suas maneiras meigas, voluntariosa e energica sob aquella apparencia de menina abeirando aos dezoito annos, toda nervos, flexivel como vite e cortante como uma espada. As duas mais velhas erão bem prendadas; teriam coragem para, ao acôcho da necessidade, descerem á abjecção de professoras de canto, piano e pintura: a mais nova, a sua caçula, com aquelle espirito de primor a faiscar-lhe dos olhos negros, sempre toldados pela sombra de um pensamento recondito, jamais mercantilizaria os seus encantos deslumbrantes num casamento de conveniencia. A sorte desta era o pezadello de d. Eugenia, a sua ideia fixa. E sonhava um principe afortunado que surgisse um dia, das perfumadas moitas de roseiras do jardim, para cingil-a com um manto de purpura e arminho, por uma corôa de perolas e esmeraldas, de grandes diamantes phosphorescentes, rojando em cascatas de esplendor sobre as fartas madeixas annelladas, escorrendo-lhe pelas espadoas esculpturaes e brancas como o marmore das estatuas das deusas de Phydias.

Era forçoso viver. O marido, o pobre Antonino, não poderia, em tão avançada idade, procurar clinica, ainda que fossem notorios a sua capacidade de letrado, o seu saber de medico, exhibido eruditamente em notaveis memorias theoricas sobre a febre marella, o mal de cadeiras, além de muitos trabalhos curiosos sobre o clima, as endemias do Rio de Janeiro e o canal do Mangue. Privado do honroso cargo de veador, empobrecido da noite para o dia, como poderia sustentar a familia com decencia, de accordo com as relações sociaes conquistadas pelo merecimento e pelo character? Não era possivel romper, de repente, com os arraigados habitos: descer de pessoa grata ao Imperador, a burguez banal, a se apagar no vasto seio da vulgaridade incolor. O habito é uma segunda natureza. E ella bem sabia que o marido, homem de methodo, de horas certas, de ceremonias recatadas até com ella na mais intima convivencia de esposos amórosos e castos, não resistiria á cruel provação.

A intolerancia da excellente senhora, se adoçou ante o imperio das circumstancias oprimidas. Ella considerava que si outros, engordados com os favores, com a munificencia do magnanimo Imperador, verdadeiros abides de graças e empregose muito mais agrihoados pela gratidão que o Antonino, haviam, sem remorso, renegado as tradições, as crenças, obrigados pela ineluctavel força do facto consumado, como diziam hypocritamente, si esses

ingratos haviam adherido ao novo regimen, porque não faria o mesmo o conselheiro Antonino Couto sob a pressão da necessidade intransigente de amparar a familia? D. Eugenia conservaria a sua saudade interminada, a sua fé inquebrantavel, as suas puras idéas, com os seus principios de lei, como o oiro daquella medalha que lhe ornava o seio, para attestar a fidelidade da familia ao adorado monarcha exilado, que morreria pouco depois longe da terra brazileira e, todavia, sobre um punhado de chão da patria, alastrado no fundo do seu leito de derradeiro somno de bemaventurado e de martyr.

E foi ella mesma, num assomo de abnegação, com a autoridade de mulher, que sempre fôra dona, senhora absoluta de sua casa, quem impoz ao marido a dolorosa submissão á fatalidade. Elle não se revoltou ao sacrificio: foi, todo rubro de vergonha, cosido aos muros e ás paredes das casas, empavezadas de bandeiras e galhardetes, evitando a curiosidade da turba, ébria de enthusiasmo. visitar o marechal Deodoro, no palacio Itamaraty, e adherir ao estado de coisas, já que não estava mais em suas mãos corrigir os erros de uma desastrada politica, que alienara as sympathias do exercito na crise, que se accentuara com o delirio da emancipação dos escravos, e terminara com o anticipado desfecho que toda a gente previra inevitavel, após a morte do Imperador.

— Ah, marechal — murmurou elle, animado pelo affavel acolhimento do heróe do momento — Foi, felizmente, vossa excellencia o enviado pela Providencia para evitar maior catastrophe, a anarchia, o derramamento de sangue. Que o inspire Deus na gloriosa missão de guiar os primeiros passos da Republica. As minhas idéas são conhecidas; entretanto.

— Tambem sou amigo do velho — replicou Deodoro, sorrindo, e fitando no conselheiro, os firmes olhos de aguia. — Mas a republica está feita e será mantida, enquanto me palpitar o coração, e tiver força para brandir esta espada.

E abraçando o conselheiro, encolhido de timidez, accrescentou com firmeza:

— Conheço os seus serviços ao paiz, e aprecio o seu character, conselheiro. Tenha confiança na Republica, que manterá, lealmente, os compromissos do Imperio.

O conselheiro sorriu contrafeito, e curvou-se, num gesto de satisfação humilhada de quem recebe uma esmola generosa.

Que allivio experimentou o ex-veador de sua magestade, a Imperatriz, quando se viu num bonde, apertado entre demagogos a falarem alto, cen-

surando, com desbragada irreverencia, os primeiros actos do governo provisório, a organização do ministerio e o despudor de confiar altos cargos aos adhesistas que, na vespera, erão esteios da monarchia.

Um latagão feroz, atirando um jorro de fumaça do cigarro á cara do conselheiro, prorompeu em commentarios, rubros de indignação, sobre a entrega da pasta da guerra ao Floriano Peixoto, ajudante general do ministro da guerra de hontem, bravo soldado, mas estranho á conspiração, capaz de axphyxial-a, si não percebesse as certezas da victoria. Era um absurdo estar aquelle homem, impenetravel e calmo como uma esphinge, ao lado de republicanos historicos, hombreado, no governo, com Benjamin Constant, Quintino Bocayuva e Aristides Lobo.

Era immoral aquelle pagamento da perfidia recente, quando a regra seria amar a trahição, tirar della todo o proveito e aborrecer o trahidor.

— Qual! — perorou o orador desabusado — Isto começa torto. Deviamos fuzilar toda essa cambada de monarchistas. Republica sem sangue não presta.

Estas palavras passaram zumbindo, como balas assassinas, pelos ouvidos attonitos do Conselheiro, que, inteiriçado por um calefrio, retirou, sorrateiramente, da lapela da sobrecasaca um desbotado botão da ordem da Rosa.

— Cedo começam — murmurou ao descer do bond, meditando naquelles conceitos azedos, naquella censura irreverente, inestinguiveis resquícios da opinião transviada pelos vícios, pela degeneração de uma politica de protervia e fraude, cujos effeitos se não extinguiriam com as instituições derrocadas — Cedo começam. Não ha que ver: é o mesmo material, a mesma estôfa. Tiraram-lhe a corôa e puzeram-lhe o barrete phrygio.

(Continúa)

## THEATRO

Vae tudo nesse ramerrão que já se sabe: o publico bocejando ingenuamente, os jornaes esportamente bocejando, os actores fazendo, em festa, os beneficios. E sempre a mesma coisa. As mesmas coisas de dez annos que já foram, os mesmos *Milagres de Santo Antonio*, os quadris cançados da sra. Delorme, os mesmos retalhinhos electricos do sr. A. A., na *Noticia*.

A principio, houve um remexido asanhado de coisas nossas. A critica abelhuda varou ribalta a dentro, e descobriu que lá no fundo dos camarins dos empresarios, entre muita somnolen-

cia e muita pomada, modorravam á espera de ensaios, uns cem volumes de revistas e comedias de uns cem autores brasileiros.

Esperou-se, e quando subiu o panno, o Dias Braga choviscou em scena a cornucópia inteira de uma revista meio creoula e meio lusa, onde havia os tamancos da *terrinha* e os requebrados cá da terra, a cebolada de além mar e a flauta do Instituto. Um assombro!

Os autores — um de cá outro de lá — encheram os bolços e o Recreio transbordou durante mezes. Mas, afinal o prato enjoou. A pepinada á portugueza, adubada no saracoteio á nossa, fez revoltas no estomago, mas só fez revoltas depois de uma indigestão de muitas horas, depois de uma centena de arrôtos.

Baixou de novo o panno, e, quando içou o dito, lá veio o Arthur, de cantaros aos hombros, offerecer a gôta d'agua de uma *Fonte* rimada.

O publico foi com muita sêde ao pote, e dizem que a agua era de uma frescura tão desconhecida que em breve matou a sêde. O sr. Arthur zangou-se. Zangou-se e arrependeu-se de ser tão samaritano. Alçado á grimpa da balastrada do *Paiz*, de olhos pisados, a penna tremendo de commoção, num tom choroso de fazer chorar as pedras, lastimou as noites que perdera em cavar a *Fonte*, chamando-lhe commovedoramente de infeliz. Foi modestia, comprehende-se, mas o que não deixou de ser infeliz foi a lembrança do sr. Arthur, fazendo resumbrar numa comedia alegre, em attitudes pouco amaveis, as figuras amadas de Castro Alves, de Gonçalves Dias e de outros, para os quaes o galhofeiro theatrologo deveria só ter deferencias.

Elle proprio, tempos atraz, quando pôza claro a sua autoridade sobre o *Cão do Inglez*, achou que a peça lhe enchia, por completo, as medidas, mas franziu as sobrelhas para dizer que o autor fizera mal, dando ao cachorro o muito tragico e muito humano apellido de *Shakespeare*. Ha nomes com que se não deve brincar, disse agitando o dedo assim, no grave tom de pregador, no pulpito.

E como a maioria dos pregadores, o sr. Arthur pregou, mas despregou-se.

Depois do recolhimento da *Castalia*, houve por ahi a hemorragia irisada de theatricas de pacotilha, de peças de ganhar dinheiro.

Subiu, em seguida, á tona a *Loteria do Amor* Trazia como promessas de sorte grande, o nome do sr. Coelho Netto — a mais imaginosa envergadura artistica que o Brasil tem tido, o talento mais chromatico da geração medalhada.

Mas no correr da roda, o bilhete sahi branco: a peça não fez o barulho que se esperava. O publico foi deveras

íngrato. Na *Loteria*, o autor não trouxe á amostra aquella nota toda propria, aquella originalidade toda sua, mas o certo é que é boa, sem esses descaramentos de molecagem, sem a chalarria á suja. Já está na reserva. Realmente é pena.

Andam por ahí agora, e vão naturalmente andar por muito tempo, umas taes *Pilulas de Hercules*—immoralidade crúa, patifaria grossa, que o traductor, velho boticario ao paladar do publico, foi o primeiro a engulhar em frente á dose, prevenindo aos paes de moças que a droga fazia mal. O reclamo foi bom. As *Pilulas* fizeram effeito.

Annuncia-se o *Avança*, dos srs. Alvaro Colás e Alvaro Peres. O titulo está em moda e é promettedor. Não se sabe ainda si o petisco é bom. O Colás é bem capaz de adubal-o a gosto. E' intelligente, e além disso conhece a vida de cór e salteada. Tem sido tudo: foi estudante, caixeiro, reporter, empregado publico, esteve quasi a ser frade, advoga, já tomou rapé, é actor dramatico, escriptor agora, emfim, só ainda não foi menino de cego e alcoviteiro de mulher dama, como se diz no Norte. E' Chrispim do Amaral quem faz os scenarios do *Avança*. Já isso é uma avançada agradável. Pelo menos, nossos olhos não se zangarão. Foi o que se deu na *Passagem do Mar Vermelho*. Só se podia olhar—Chrispim. Tudo mais era babuseira, lugar commun em jorros, narcotisação em scena. Admira que em nossa terra, onde os empresarios são tão malandros como os editores, houvesse um Moysés tão temerario e tão cego que fizesse passar no palco, a tropa somnolenta e manca do insosso *Mar Vermelho*.

Apesar disso, o autor não teve de que se queixar. A estação era morta, e até o grito de uma gralha sonorizava. No entanto, foi a estação mais cheia de promessas. Quando por ali andava o Aldo e a Fuller, gritou-se de Pariz que Sarah Bernardt veria ser tirada novamente pelos estudantes de cá. Falou-se em não sei que tenor feroz para cantar no Lyrico. As promessas, como sempre, falharam. A Sarah não veio. Não veio nem mais prometteu vir. Por um lado foi bom. E já o sr. Bilac nos mandou dizer de lá que a Sarah não é mesmo a mesma Sarah, já não tem a mesma modulação na guéla e até (burguesa ironia da banha!) tem engordado como um conego.

Para consolar, Lisboa nos mandou Angela Pinto que no S. José sempre deu o seu recado com aquelle bonito talento artistico, que ninguem lhe nega. Acabou de gemer na *Dor Suprema*, e foi-se.

O tenor tambem não veio. Mas Zanatello encheu sonoramente a nota.

JUSTUS JUNIUS

## SCIENCIA E INDUSTRIA

### ANESTHESIA PELA ELECTRICIDADE

Os resultados das curiosas experiencias do dr. S. Leduc, no laboratorio da Faculdade de medicina de Paris, parecem indicar que o chloroformio, o ether e outros agentes anestheticsos serão, em breve, substituidos, na pratica cirurgica, pelo somno artificial, produzido pela electricidade.

Em repetidas experiencias sobre cães, coelhos e pombos, o dr. Leduc empregou uma corrente de 10 a 30 volts, cuja frequencia poderia variar na razão de 100 a 200 interrupções por segundo. A acção da electricidade é exercida sobre o cerebro, directamente, applicando os electroides na base posterior do craneo, ou no alto da cabeça.

Esses electroides são de metal, e, para assegurar um perfeito contacto, são guarnecidos de uma esponja embebida dagua salgada, tendo o cuidado de desnudar a região do animal que serve á operação. Alem disso, uma *resistencia*, intercalada no circuito, permite variar a intensidade das correntes conforme as diversas phases da operação, o vigor do animal, etc.

Os resultados obtidos, depois das indecisões preliminares, foram tão animadores, que o dr. Leduc não hesitou em experimentar em si mesmo.

A pressão da corrente foi elevada a 50 volts. Os electroides embebidos em agua salgada foram applicados, um sobre a fronte, outro sobre os rins, de modo que agissem, simultaneamente, sobre o cerebro e a espinha dorsal.

A operação durou cerca de dez minutos, e obteve-se completa anesthesia, sem que o paciente accusasse as perturbações occasionadas pela inalação do chloroformio.

Quando se interrompe a corrente, o despertar é immediato; e o dr. Leduc affirma que experimentou, então, uma agradável sensação de vigor.

### O VENENO OPHIDICO

Segundo telegrammas, que a imprensa diaria publicou, chegou a Pariz no dia 5 deste, o dr. Vital Brazil, medico brasileiro, auctor do *serum* contra o veneno de cobra. O nosso patricio visitou os institutos serumtherapicos e microbiologicos de Lisboa, Lille, Londres, Bruxellas, Berlim, Milão e Roma, aos quaes communicou, minuciosamente, o resultado das suas experiencias, ao mesmo tempo que lhes forneceu diversos frascos dos venenos e do seu antidoto.

O professor Souza Junior, de Lisboa, verificou as experiencias do dr. Vital Brazil e reconheceu a exactidão dos resultados. A respeito deste assumpto, o professor Souza Junior fez um curso aos seus alumnos.

Em Berlim o dr. Vital Brazil esteve com o professor Koch; em Lille, entrou em relações com o professor Calmette, que tambem é autor de um *serum* contra o veneno das cobras, tendo feito longas experiencias na India. O professor Calmette acreditava que o seu *serum* era efficaç contra toda a especie de veneno ophidico. O dr. Vital Brazil demonstrou do modo mais convincente o contrario, veri-

ficando-se profunda dissemelhança entre muitos dos venenos da America e da India.

O professor Calmette continúa a fazer estudos a este respeito, achando interessantissimos os trabalhos do medico brasileiro.

O dr. Vital Brazil prepara actualmente uma obra sobre a sua descoberta. Não resolveu, por ora, si limitar-se á a publical-a simplesmente, ou si fará uma communicação preliminar á Academia de Medicina.

Pretende, em todo o caso, seguir o curso de microbiologia do Instituto Pasteur e depois voltará a Lille para tomar conhecimento do resultado definitivo das experiencias do professor Calmette.

### TARIFAS

As tarifas de caminho de ferro, geralmente adoptadas, são as de base kilometrica, proporcionaes á distancia percorrida, com algumas excepções para certa ordem de mercadorias.

As arrojadas construcções das grandes linhas transcontinentaes do Atlantico ao Pacifico, na America do Norte, demonstraram que a applicação da base kilometrica a distancias tão consideraveis, era impraticavel, sob pena de prohibir o transito das mercadorias de pouco valor.

Por isso, os americanos adoptaram o principio economico de que — não se deve exigir da mercadoria mais do que ella pode dar — para a tarifa dos productos agricolas da California, obtendo os maravilhosos resultados de uma producção desenvolvida em escala sem precedentes na historia da industria, e um trafego largamente compensador dos dispendiosos meios de transporte.

A California exportou em 1902, 7 milhões de caixas de 70 libras de laranjas e limões, 160 milhões de libras de ameixas, 100 milhões de libras de uvas, 60 milhões de pecegos evaporados, 465 milhões de fructos seccos, 1,400,000 caixas de 50 libras de maçãs.

O districto de Los Angeles expediu 18000 wagons carregados de fructos, e as diversas estações californianas 4500 wagons de fructos e legumes conservados; 2300 de feijão branco, 1300 de nozes, e 3200 de legumes diversos, devendo-se accrescentar a esses algarismos assombrosos — 4300 wagons com vinho e 3700 com assucar.

A estação de Los Angeles expediu, por dia, de dezembro a julho, 200 wagons de laranjas.

O trafego do Transcontinental Railwad consiste em trens de 40 wagons, carregados de fructos e legumes.

Graças ás tarifas economicas, cerca de 30% dos productos dos pomares de *far-west*, atravessam o Atlantico e chagam em admiravel estado de conser-

vação, aos mercados europeus. Si considerarmos que os abricots seccos da California podem ser vendidos em Paris, a 80 centimos a libra, verificaremos o prodigioso esforço economico feito, para, num trajecto superior a 8000 kilometros, obter um preço de transporte que não seria jamais obtido com a tarifa de base kilometrica.

E porque, além de certo percurso, a distancia não se toma em consideração nos Estados Unidos, os productos da California pagam de um ponto qualquer do interior do paiz de procedencia, para as estações dos estados a leste de Kansas, Nebraska e Texas, o mesmo frete. A mesma taxa se applica para Chicago ou New York, a 1500 kilometros mais longe. Na direcção inversa, as mercadorias manufacturadas em New York expedidas para as estações terminaes do Pacifico, pagam tanto quanto a que é expedida de Chicago.

Com a nitida intuição dos meios de progresso, em acelerado desenvolvimento, os *yankees* conseguiram fundar sobre bases equitativas e fecundas, o seu regimen de transportes, em virtude do qual desaparecem as vantagens da situação geographica, que poderia favorecer os productores mais proximos dos mercados consumidores e dos emporios de exportação, em prejuizo dos mais distanciados.

Por um accordo com as companhias de transportes maritimos, foram tambem reduzidos os fretes dos transatlanticos, franqueando facil accesso aos mercados europeus. Em consequencia dessa medida salutar, fructos seccos, em caixa ou barril, que pagam 5 francos e 25 cent. por 100 libras para New York, são expedidas até Londres, Liverpool e Antuerpia por 5 fr. 73; para Hamburgo e Amsterdam por 6 fr.; para Bordeaux, Suecia e Noruega por 6 fr. 50. O salmão em caixa de S. Francisco e de Alaska, paga o mesmo preço — 3 fr. 50 por 100 libras — para Liverpool ou Londres, que para Chicago e New York.

E' na verdade, extrordinario que, apesar dessas taxas minimas, os caminhos de ferro norte-americanos, consigam obter desse trafego remuneração superior á do transporte de passageiros. E os resultados são tão consideraveis que a procura de transporte, na California, excede aos meios de acção da industria de transporte por terra.

As despesas de exploração foram reduzidas ao minimo pelo emprego de grandes wagons, para aligeirar o peso morto, e de alongados comboios conduzidos por locomotivas poderosas.

Desses factos se deduz, que a tarifa sobre base kilometrica, é um obstaculo á fertilisação e ao povoamento dos paizes vastos, como o nosso, de maravilhosa capacidade productora, esterilizada pelas distancias.

## IRRIGAÇÃO

No territorio dos Estados Unidos da America, existe uma zona de cento e vinte milhões de acres de terrenos aridos, no Oeste, dos quaes o trecho mais notavel pela esterilidade e absoluta carencia d'agua, é o desolado deserto do Colorado, comprehendendo o oeste do Arizona e Sul da California.

Nem chuvas, nem rios, nem lagos refrescam esse aspero e lugubre valle do Colorado, abandonado, supprimido ao ingente esforço da maravilhosa actividade daquelle povo, como uma faixa condemnada á perpetua inutilidade, interrompendo a gloriosa marcha da civilisação do Atlantico para o Pacifico.

Esse deserto, entretanto, escondia nas suas entranhas thesoiros, que poderiam rivalisar com os fabulosos productos das abençoadas terras tropicaes, onde a Natureza exhibe as suas opulencias, si lhe não faltasse agua.

Em 1892, o Congresso Americano decretou a lei, conhecida pela denominação — *Reclamation Act* — applicando a renda, proveniente da venda das terras devolutas nacionaes, á contribuição de açudes, reservatorios e canaes para irrigação das zonas aridas do Oeste.

Desde então, a engenharia, representada por homens da mais segura competencia technica se consagravam ao estudo da topographia, escolhendo os sitios mais adequados a obras de irrigação; e, desses estudos resultaram verdadeiros milagres de fertilisação, transformando a terra e o clima, e cobrindo o deserto de pomares, jardins, florestas e pastagens.

O Valle Imperial da California, esteril até 1900 produziu, em 1902, 60 a 80 dollars, em cada um dos seus 165.000 acres irrigados, por meio de um canal de 60 milhas, injectando-lhe as aguas do rio Colorado.

Com a agua, veio a fertilidade ao valle onde se erigiram cidades, outros industriaes, e a terra adusta se transformou em campo de trigo, alfafa, milho, sorgo, avêa, arroz, algodão, canna de assucar, beterraba, hortaliças e fructos diversos das zonas temperadas e tropicaes.

Os aparelhos, empregados na realisação desses canaes maravilhosos, são simples escavadores de tracção animal, traçando o sulco na terra; vem depois a draga fluctuante, puchada á sirga: nem o vapor, nem a electricidade são indispensaveis.

Esses aparelhos estão nas estampas, assim como o açude ou reservatorio, onde se armazenam as aguas derivadas pelo canal principal. Tambem figuram, em eloquente relevo, o deserto depois de cultivado, a exuberancia da

vegetação em sitios, onde, dois annos antes, não havia vestigio de folhagem.

\* \*

O sr. dr. Lauro Müller tem, nesses factos, uma prova irrefragavel dos magnificos resultados de irrigação das regiões aridas, e uma licção preciosa para o guiar no soccorro ás regiões brasileiras flagelladas pelas calamidades periodicas que tantas vidas e tantos esforços consomem. E pode deduzir, logicamente, que, si nos desertos do territorio norte americano se obtêm taes transformações, ellas serão em muito maior escala, applicando os processos, que as produziram, ás regiões fertes, de uberidade excepcional, sujeitas ao phenomeno climaterico periodico.

Si é possivel fertilisar o deserto de maneira a equipara-lo ás regiões mais felizes, facil será corrigir a inclemencia do clima, evitando a falta d'agua, que é o essencial elemento da producção, o elemento que falta ao Ceará, ao Rio Grande do Norte, quando ha secca ou são escassas as chuvas.

Com um systema de reservatorios, nos sitios já indicados por estudo de melhor autoridade, e consecutiva irrigação, o governo conseguirá fertilisar, definitivamente, aquelles trechos do territorio nacional, e evitar o dispendio avultado em soccorros urgentes, mal distribuidos, peor applicados, sem vantagens permanentes, na afflictiva urgencia das calamidades.

\* \*

S. ex. dispõe, agora, de homens competentes, que foram a S. Luiz representar o Brazil: dê-lhes instrucções para visitarem o Oeste, verem os reservatorios, os canaes, como são feitos, o regimen de distribuição das aguas e os seus resultados maravilhosos. E vejam e contem, com singeleza e verdade o que virem, abstendo de dissertações theoricas, das quaes estamos fartos.

Nesse capitulo das theorias; dos estudos eruditos, dos planos pomposos, somos um povo inimitavel. E' verdadeira maravilha ver como os nossos engenheiros discutem calorosamente questões de direito, tratados internacionaes, como planejam, em reuniões graves, estradas de ferro em terreno que não conhecem, ou lhes discutem os menores detalhes, como succedeu, ha pouco, no caso da *Madeira e Mamoré*.

A discussão calorosissima chegou á escolha da tracção pela electricidade gerada pelas cachoeiras, que nunca foram medidas.

Os commissarios de S. Luiz diriam, simplesmente, o que tivessem visto, as obras colossaes, os aparelhos que as construíram e as vantagens obtidas. E si o fizerem com consciencia, contarão ao nobre ministro coisas faceis, coisas intuitivas e vantagens fabulosas.

## Nova theoria das quantidades negativas

PRECEDIDO DE UM ESTUDO CRITICO  
DAS THEORIAS VIGENTES

PARTE 1<sup>a</sup>

CAPITULO I

1. Ha na mathematica abstracta, na parte que recebo o nome de Algebra, duas proposições que se contrariam por seus fundamentos, o que, tendo escapado aos mathematicos e philosophos, lança no espirito dos que iniciam o estudo desta sciencia a mais completa confusão.

Taes são as proposições seguintes :

1<sup>a</sup> — O numero negativo provém de uma subtracção em que o minuendo é menor do que o subtrahendo ;

2<sup>a</sup> — O numero negativo é maior que zero e tanto maior quanto maior for o seu valor absoluto.

O facto de não se ter encarado esta questão sob um ponto de vista verdadeiramente philosophico, deo em resultado discussões puramente estereis, estabelecendo-se como verdades contrasensos que deprimem o caracter da Sciencia.

A primeira proposição dá aos numeros negativos um caracter de idealidade, ao passo que a segunda lhes dá uma feição puramente real. A anomalia que apresentam essas duas proposições consideradas em face uma da outra, produz a confusão a que nos referimos, e fere o principio que subordina o abstracto ao concreto. E tal principio, se bem que tarde formulado, guia o espirito humano desde suas primeiras concepções abstractas.

E' assim que por mais abstracta que seja a concepção do numero, tem elle uma base concreta, como bem reconhece A. Comte, quando diz ;

« Etudié convenablement, le calcul, quoique plus abstrait que tout le reste de la hierarchie, ne se montre jamais depourvu du caractère concret, puis que toute notion de nombre emane du monde extérieur même envers le monde intérieur. » (1)

Entretanto é facil de ver que dando para origem dos numeros negativos a primeira proposição, são elles introduzidos na sciencia mathematica como verdadeiros symbolos de impossibilidade, o que os torna incompatíveis com a necessidade em que se encontra o espirito de consideral-os *reales* ou maiores do que zero.

Dessa necessidade provêm as discussões entre philosophos e geometras, desde a mais remota antiguidade, e onde uns se mostram verdadeiramente sabios, outros quasi que cegos de entedimento.

Digamos antes que tudo, que não admittimos ser o numero negativo menor do que zero, como antigamente e hoje ainda se diz, pelo simples facto de não concebermos um valor menor do que aquelle que significa a ausencia de valor, mas o que não podemos admittir é o absurdo que ainda mantêm os geometras dizendo que os negativos *reales* provêm de uma subtracção impossivel, porque o resultado de uma tal operação deve ser um symbolo vazio de sentido.

2 A historia das quantidades negativas se póde resumir nas duas theorias seguintes :

A primeira é aquella em que os negativos provêm de uma subtracção impossivel, e são menores que zero.

A segunda é a theoria em que aquellas quantidades provêm de uma tal subtracção e são maiores que zero.

A primeira dessas theorias é a mais antiga, a segunda é a aceita pela maioria dos geometras modernos.

Não aceitando nenhuma das duas theorias, diremos por enquanto :

a) O numero negativo é real como o positivo, isto é, tem como este um valor maior do que zero ;

b) O numero negativo não provém de uma subtracção impossivel e sim de uma somma de unidades negativas.

Nestas proposições consiste a nossa theoria, e para justificar-a apreciemos mais aprofundadamente as duas outras que regeitamos.

3 Como representante da primeira theoria tomemos o grande Newton.

Diz elle : (1)

Chamam-se quantidades positivas aquellas que são maiores do que zero e negativas as que são menores que zero. Assim é que na vida civil uma fortuna é uma quantidade positiva e uma divida uma quantidade negativa. E' assim ainda que o movimento de um corpo para diante se pode chamar positivo, e o movimento para traz negativo, porque um augmenta o caminho que o corpo faz e o outro diminue. Da mesma maneira em Geometria, si se chamar positivas as linhas que vão em um sentido, negativas serão as que tomarem um sentido directamente opposto.

Por exemplo

fig. 1

A C B

Si  $AB$  é tirada para a direita e  $BC$  para a esquerda, e si  $AB$  for tomada para linha positiva,  $BC$  será negativa porque ella tende a diminuir  $AB$  que fica reduzida a  $AC$  ou mesmo a zero si o ponto  $C$  cae sobre o ponto  $A$  ou a um valor menor do que zero si  $BC$  fosse maior do que  $AB$ , da qual é preciso subtrahir. (2)

Newton que dá para a origem dos negativos a subtracção impossivel e que os considera menores do que zero, expõe uma theoria simples, na qual o seu racioeio obedece a uma logica tão segura, que nada fica a desejar.

Admittindo que o ponto  $C$  coincide com o ponto  $A$ , achou para resultado zero, como assim devia ser, porque nada mais fez do que subtrahir de uma grandeza outra grandeza igual. Na hypothese do ponto  $C$  cair á esquerda de  $A$ , isto é, quando tentou de uma grandeza subtrahir outra maior, achou para resultado uma grandeza menor do que zero. Admittindo por um instante a existencia de uma tal grandeza, vê-se que o resultado a que devia chegar é aquelle a que chegou, uma vez que sua these era effectuar uma subtracção impossivel.

De facto, si a grandeza  $AB$  vinha crescendo por effeito de uma subtracção e si depois de nulla nós quizessemos que ella ainda decresse (e tal era a these) o resultado só poderia ser menor do que zero.

Ora, não aceitando quantidades menores que zero porque não as concebemos, e a figura acima nos mostrando por outro lado, que a grandeza negativa á esquerda de  $A$  não pode absolutamente ser menor que zero, somos forçados a dizer que os negativos não podem provir de uma subtracção impossivel, porque então teriamos de admittir a muito logica conclusão do grande geometra, quanto ao valor dessas grandezas.

No estado actual da sciencia não se pode admittir a theoria de Newton, porque ja passou a epoca em que o espirito humano podia admittir um valor menor que zero, mas o que fica evidente é que aquelles que

admittem provirem os negativos de uma subtracção impossivel estão na obrigação de consideral-os como os considerava aquelle geometra.

A sciencia moderna não raciocina desta maneira porque diz :—O numero negativo provem de uma subtracção impossivel e é maior do que zero.

Mas, si a logica de Newton é inabalavel no raciocinio que apresentamos e si os modernos divergem d'elle nas conclusões a que chegou, a moderna sciencia tem perdido de Newton para cá. De facto, a theoria moderna é muito mais confusa e muito menos aceitavel do que a theoria Newton. Para provar-o, tomemos o philosopho Augusto Comte para representante da moderna theoria das quantidades negativas.

Diz elle quando caracteriza os dez elementos algebricos, na instituição do Calculo Algebrico : (1)

Il faut d'abord reconnaitre, envers, le premier couple, que les deux éléments y doivent être distingués, non par la constante, mais d'après la variable indépendante, ajoutée à la base dans l'un et retranchée dans l'autre. Grandie continuellement, elle fait croître ou décroître la variable dépendante, mais d'une quantité toujours égale à la sieme; ce qui n'a jamais lieu pour les autres formations. Une diversité plus prononcée résulte de ce contraste entre les deux éléments du premier couple quand la variable indépendante acquiert une grandeur supérieure à celle de la base. Alors la seconde formation propre à la variable dépendante une valeur négative qui croît autant que la valeur positive de la variable indépendante. Le premier couple algébrique fait ainsi surgir la considération des grandeurs en moins, dès lors devenue ainsi nécessaire au calcul des relations que celle des grandeurs en plus.

Sous l'aspect concret, ce contraste se trouve naturellement, surtout en géométrie, et même en mécanique. Il y consiste dans le changement des sens qu'éprouve la variable dépendante, si d'application de l'une sur la base en dépasse d'origine. Nous voyons ainsi l'opposition de *sigue*, abstraitement résultée de la soustraction, correspondre au contraste de la gauche à la droite, ou d'avant envers après, quand on retranche concrètement la longueur ou le temps. Cette correspondance élémentaire se trouve implicitement comprise, dès le début du calcul, dans la numération, qui réduit, la distinction entre ajouter et soustraire à celle du sens suivant le quel on parcourt l'échelle numérique. Elle permet de remarquer la soustraction comme une addition, ou l'on joint à la base une grandeur négative au lieu d'une grandeur positive. Rapprochés ainsi l'un de l'autre, les deux premiers éléments algébriques restent toujours distincts, en ce que l'accroissement de la variable indépendante fait augmenter ou diminuer la variable dépendante. A quelque mode abstrait ou concret, qui soit du changement corrélatif de signes ou de sens, les deux cas se trouvent également séparés par l'annulation de la grandeur produite. C'est ainsi que les valeurs en moins deviennent aussi propres au calcul des relations que les valeurs en plus, suivant une tendance spontanée à compléter autant par déjouit que par excès afin de diminuer les nombres. On doit toujours soumettre aux mêmes règles algébriques les quantités quel-

(1) Vide Arithmetica Universal, pag. 3. Traducção franceza.

(1) Synthèse Subjective pag. 254.

(2) O gripho é nosso.

(1) Vide Synthèse Subjective pag. 204.

conques négatives, ou positives, *en ayant égard au signe comme s'il indiquait une combinaison, qui reste sous-entendue*. Rien ne peut dispenser d'une telle uniformité, sans la quelle l'al-gèbre ne saurait jamais maintenir l'indétermination nécessaire des grandeurs considérées, tant constantes que variables. A tout instant, il faudrait restreindre, à des grés divers et communément inappréciables, les hypothèses sur les valeurs restés arbitraires, si l'on refusait d'admettre les résultats soustractifs autant que les additifs. » (1)

Basta ficarmos aqui para darmos uma idéa precisa da theoria de A. Comte sobre as quantidades negativas. Do trecho citado, o que logo sobressae é que no segundo elemento do primeiro par de funcções, isto é, em  $y = a - x$  a variavel independente  $x$  faz constantemente decrescer a funcção  $y$ , para os diferentes valores que receber, mas sempre de uma quantidade igual á sua. A funcção decrescendo constantemente para os diferentes valores de  $x$ , adquire um valor negativo, logo que  $x$  receber um valor superior ao de base  $a$ . Assim, segundo tambem A. Comte, as quantidades negativas provêm de uma subtracção impossivel. E' o mesmo raciocinio empregado por Newton, com a differença de que para este geometra as negativas eram menores do que zero, ao passo que para Comte, as negativas são maiores do que zero, porque o valor negativo da funcção cresce tanto quanto o valor positivo da variavel independente, uma vez que esta adquire valores superiores ao da base.

A conclusão do geometra inglez sendo de uma logica inabalavel, segundo o raciocinio que empregou, fica no espirito uma duvida sobre a conclusão de Comte, porque si a funcção  $y$  na formação  $y = a - x$  vae constantemente decrescendo para os valores crescentes de  $x$ , claro está que quando si tiver  $x = a$  a funcção  $y$  será nulla; si se attribuir, depois deste momento, á independente  $x$  valores superiores ao de  $a$ , sempre na formação  $y = a - x$ , o que se pretende unicamente é que a funcção  $y$  depois de ter decrescido e se tornado nulla, continue a decrescer, o que dará para os negativos, que segundo Comte d'ahi provêm, valores menores que zero. Estudada convenientemente esta anomalia entre Comte e Newton, é facil de verificar que si Comte diz que os valores negativos da funcção crescem com os valores positivos da variavel independente, é porque para elle subtrair um positivo é o mesmo que sommar um negativo, isto é, Comte está convencido de que  $a - x = a + (-x)$ .

E' por isso que referindo-se á correspondencia entre o signal e o sentido diz: « que esta correspondencia elemental acha-se implicitamente comprehendida, desde o começo do calculo, na numeracção, que reduz a distincção entre ajuntar e subtrair a do sentido segundo o qual se percorre a escala numerica. E tanto assim é que « ella permite encarar a subtracção como uma addição, em que se ajunta á base uma grandeza positiva. »

Augusto Comte, porem, dando para origem aos negativos a subtracção impossivel, só podia concluir que esses numeros são maiores do que zero, commettendo o erro de dizer que subtrair positivo é o mesmo que sommar negativo, principio este que não pôde mais ter curso na sciencia mathematica depois dos trabalhos de Descartes. E' o que, deixando por um instante a theoria de Comte, trataremos de provar.

Tomemos para isto o principio que Descartes formulou sobre as grandezas que são susceptiveis de uma opposição de sentido. Tal

principio pode ser enunciado mais menos ou nestes termos:

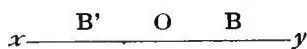


fig. 2.

Si sobre uma recta fixa  $xy$  tomarmos um ponto fixo  $O$  para origem das grandezas  $OB$  e  $OB'$ , e si chamarmos *positivas* as distancias contadas *desta origem* para a direita, *negativas* serão as distancias contadas *da mesma origem* para a esquerda, e vice-versa, si chamarmos positivas as distancias á esquerda, negativas serão as distancias á direita *da mesma origem*.

Todos sabem, além disso, que este principio foi formulado por Descartes para vencer a difficuldade que se lhe apresentou ao fundar sua Geometria, porque si se pedir, sobre uma recta fixa, um ponto que diste de um outro fixo de uma grandeza determinada, acham-se duas soluções que igualmente convêm ao problema, as quaes sem a distincção entre *positivas* e *negativas* poderiam, no calculo, ser confundidas, ficando em ultima analyse não resolvido convenientemente o problema. E si com esta distincção determina-se unicamente um ponto, a linguagem mathematica fica por isso mais perfeita e mais capaz de traduzir o facto concreto.

Do principio citado e que acha sua justificação no dominio das grandezas, resulta;

1º — A grandeza negativa é tão real como a positiva.

2º — O numero negativo é tão real como o numero positivo.

3º — O numero negativo tem um caracter concreto como o tem o positivo.

4º — O numero negativo provem de uma somma de negativos, como o positivo provem de uma somma de positivos.

5º — Uma vez tomada uma origem, não se pode na mesma recta tomar outra para a consideração das grandezas positivas e negativas.

6º — As grandezas positivas e negativas são directamente oppostas pela origem; isto é, o sentido directamente opposto *parte* da origem para a esquerda, si o primitivo sentido foi da origem para a direita.

7º — O sentido directamente opposto é differente do sentido contrario, isto é, não se pode, figura 2, confundir o sentido que tem o movel que parte de  $O$  para  $B'$  (sentido directamente opposto ao sentido de  $O$  para  $B$ ) com o sentido que tem o movel quando parte de  $B$  para  $O$ . Si chamarmos *sentido contrario*, em falta de nome mais apropriado, o sentido que tem o movel quando volta de  $B$  para  $O$ , reconhece-se facilmente que o sentido contrario de  $OB$  e que é  $BO$  tende a desfazer  $OB$ , ao passo que o sentido directamente opposto a  $OB$  e que é  $OB'$ , tende, não a desfazer  $OB$  mas a gerar os negativos taes como  $OB'$ , embora o ponto que parte de  $B$  para  $O$  tenha o mesmo sentido, na accepção vulgar, que o que parte de  $O$  para  $B'$ . Assim, uma vez tomada uma origem, não se pode confundir o *sentido directamente opposto*, que dá lugar a uma somma, como *sentido contrario* que dá lugar a uma subtracção. Na verdade, uma vez que se toma uma origem para a consideração das grandezas positivas e negativas, só ha um sentido directamente opposto, ao passo que ha dois sentidos contrarios, que são os que partem do infinito positivo e do infinito negativo para a origem.

8º — E' facultivo chamar positivas ou negativas as grandezas á direita da origem, porem uma vez chamadas positivas, só haverá negativas á esquerda d'ella.

9º — O numero negativo não pode ser menor que zero porque é o representante abstracto de uma grandeza real, ou melhor representa como o positivo uma relação entre grandezas reaes.

10º — O numero negativo sommadó a u  $\bar{p}$  positivo não lhe pode diminuir o valor, porque como este é maior do que zero.

11º — A somma seja entre positivos, seja entre negativos tem um caracter infinito, ao passo que a subtracção tem um caracter finito, quer entre as primeiras, quer entre as segundas daquellas quantidades.

Esta consequencia é, talvez, a mais salutar do principio de Descartes, e que entretanto não foi até hoje percebida. O facto de sobre uma recta tomar-se um ponto fixo para origem das grandezas positivas e negativas não só estabelece a distincção entre ellas, como tambem obriga a que o sentido contrario não vá além da origem. Além deste ponto não ha mais sentido contrario, ha sentido directamente opposto. O sentido contrario existe no *campo* dos positivos e dos negativos; sentido directamente opposto é o *campo* dos negativos si o primitivo sentido é o *campo* dos positivos.

Tal é o papel da origem: separar o *campo* das grandezas e limitar o sentido contrario.

A importancia philosophica do principio de Descartes está em retirar da mathematica o caracter de *idealidade* para frisar-lhe o caracter de concreção, por mais abstracta que ella se apresente em seus elementos. Este philosopho percebendo a duplicidade de soluções que lhe apresentava o facto concreto, e, si para distinguil-as, chamou uma de positiva e outra de negativa, nada mais fez do que estabelecer para estas quantidades uma procedencia tão real como a das positivas.

Voltemos agora á theoria de Augusto Comte.

Só commettendo o erro de dizer que subtrahir positivo é sommar negativo, é que este philosopho poderia concluir que os negativos que provêm de uma subtracção impossivel são maiores do que zero. Só assim poderia dizer que a escala numerica permite encarar a subtracção como uma addição, em que se junta á base uma grandeza negativa em lugar de uma positiva. Mas este modo de considerar é contrario ao principio de Descartes que abstractamente faz terminar a subtracção no valor nullo da funcção, e concretamente no ponto tomado para origem. Considerar como considera Comte, é não só contrariar o principio do philosopho, como adular-o tambem. De facto, para que se considere a subtracção como uma addição de negativos, é preciso que se admita que

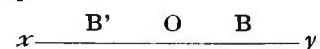


fig. 2 (bis)

o ponto  $B$  seja tomado para origem dos negativos, o que é o mesmo que adular o principio que só trata da origem  $O$ . Os pontos  $B$  e  $B'$  são *extremos* em relação á origem  $O$  e não podem, dentro do principio, ser tomados para origem. Considerar-os origem é confundir o sentido contrario com o sentido directamente opposto, ou antes é abandonar o principio. Só mesmo assim poderia A. Comte chegar á conclusão de serem os seus negativos maiores do que zero, porque só errando se poderá negar a logica da conclusão de Newton. Depois que Descartes percebeo a duplicidade de soluções na determinação de um ponto distante de certa grandeza de um outro fixo, o signal *menos* dos negativos exprime uma *qualidade*, caracteriza uma especie de numeros, afim de que a linguagem algebrica traduza em sua multiplicidade os factos concretos, e não representa mais uma hypothese desregada como aquella que se formula, quando no calculo se propõe de um numero tirar todas as unidades de um numero maior do que elle. A variavel independente na formação  $y = a - x$  pode receber todos os valores, tanto que a dependencia que liga os elementos desta formação fique no dominio de possivel, sem o que o calculo perderia o seu caracter concreto. Si de antemão sabe-se que de um numero se não pode tirar as unidades de um outro maior, para que attribuir

(1) Os griphos são nossos.

a variavel independente  $x$  valores superiores ao da base  $a$  pelo facto de tratar-se de uma expressão abstracta? Mesmo dando-se á variavel independente, no segundo elemento do primeiro par de funcções, um valor superior ao da base, poder-se-á considerar o resultado da operação um numero negativo?

Será um numero negativo, tal como deve ser concebido depois de Descartes, o resultado da hypothese arriscada formulada por Comte? O proprio philosopho responde que não, quando diz que «deve-se sempre submeter ás mesmas regras algebraicas as quantidades quaesquer negativas ou positivas, tendo em vista o signal como uma combinação que fica subtendida».

A combinação subtendida pelo signal menos dos numeros negativos, mostra simplesmente a origem destes, isto é, como o negativo provem de uma subtracção em que o subtrahendo é maior do que o minuendo, o resultado desta subtracção representa uma parte do subtrahendo que não foi possível tirar do minuendo que esgotou-se, ou o que é o mesmo, o resultado desta subtracção representa a hypothese desregrada que de antemão se fez. Não é o representante abstracto de uma tal hypothese, não é o representante de uma tentativa vã introduzida no calculo, que deva ser o representante abstracto de uma grandeza real. Descartes partio das grandezas para os numeros, das soluções geometricas para seus representantes abstractos, e formulando o seu principio apenas obistou a que dos numeros se passasse para as grandezas, antes de se ter passado destas para aquelles, ou melhor, firmou a subordinação do abstracto ao concreto na sua forma a mais elementar.

Alem disso, formulando o celebre principio, Descartes banio da mathematica a crença de que  $a - x = a + (-x)$  porque os numeros negativos devem ser introduzidos no calculo como uma necessidade da linguagem algebraica, afim de que em um problema não haja confusão quanto á situação de certas soluções, o que tira ao signal menos dos negativos a idéia de uma combinação subtendida, para frisar a qualidade de certa especie de numeros. O engano em que laborou Comte provem de haver Descartes chamado á segunda solução uma solução negativa, isto é, de haver o grande philosopho recorrido a uma noção já existente na mathematica, o que levou o fundador do Positivismo a não perceber que a formulação do principio por si deixa de parte a idéia que então se fazia d'aquella especie de numeros, para accentuar-lhes uma nova concepção.

Assim, a correspondencia entre o signal e o sentido, tal como a concebe Comte é uma theoria metaphisica, porque parte do abstracto para o concreto, é uma theoria confusa, porque manda considerar um symbolo de impossibilidade como o resultado de uma operação, é uma theoria falsa, porque fundando-se no principio de Descartes nega por completo este principio, é uma theoria inaceitavel porque manda considerar a subtracção como um caso particular da addição.

Dejo's do sabio que escrevo sobre o methodo, a addição é sempre uma addição, a subtracção, sempre uma subtracção, sejam quaes forem os numeros que se combinem, porque os signaes que os distinguem apenas caracterizam sua natureza e não são os signaes indicativos daquellas duas operações, embora tenham a mesma forma. Depois do illustre pensador, deve-se introduzir no calculo as quantidades quaesquer, positivas ou negativas, tendo em vista o signal como representando uma qualidade, porque assim o exige a complexidade dos factos concretos, e não como diz Comte, devendo representar uma combinação que fica subtendida. A combinação subtendida a que se refere provem de si originarem os negati-

vos de uma subtracção impossivel, o que levou o philosopho a chamal-os «valeurs négatives», «valeurs en moins», «resultats soustractifs» multiplicidade de termos que apenas serve para mostrar que o illustre philosopho não formava uma idéa exacta das quantidades negativas, taes como devem ser concebidas depois de Descartes. O philosopho A. Comte acha ser uma necessidade a introdução no calculo, de expressões vazias de sentido, taes são os seus negativos, afim de que a algebra possa manter a indeterminação necessaria das grandezas consideradas, tanto constantes como variaveis. A indeterminação das quantidades que a algebra considera, sendo por si a mais lata possível, não pode entretanto deixar de ser restricta aos casos de possibilidade que certas combinações entre ellas determinam, sem o que esta parte da mathematica deixaria de ser um elemento logico e sim uma vã criação do espirito humano. Por não subordinar essa indeterminação ao espirito da combinação  $y = a - x$  na hypothese de ser  $x = a$ , e pela applicação do principio de que  $a - x = a + (-x)$ , principio que podia convir a Newton que afirmava serem os negativos menores do que zero, mas não a Comte que abraçou o principio de Descartes, é que vemos o fundador do Positivismo erigir uma theoria, que nada mais é do que uma harmonia entre as idéas desses dois ultimos philosophos, mas que não pode ser aceita.

6. Com Descartes deo-se uma circumstancia interessante sobre a questão das quantidades negativas. Este philosopho, que com justa razão é considerado o fundador da sciencia moderna, não percebeo a renovação que introduzio na sciencia mathematica, formulando o seu principio.

Descartes, o mesmo que formulou o principio da correspondencia entre o signal e o sentido, dizia que um negativo era menor que zero e que somiado a um positivo dava para resultado a differença dos dois valores, como se pode verificar em sua geometria, quando resolve o problema de Pappus, o que levou o nosso sabio professor dr. Benjamin Constant a admirar-se de haver o philosopho ficado fiel á antiga theoria dessas quantidades. (1)

Estudando convenientemente o supposto erro commettido pelo fundador da *Geometria Analytica* é facil de ter-se a convicção de que Descartes foi verdadeiramente sabio em abandonar o seu salutar principio. De facto, vimos que Newton, apezar da logica de seu raciocinio não conseguiu dar das quantidades negativas uma theoria aceitavel, porque suppondo de antemão que aquellas quantidades eram menores do que zero, foi naturalmente levado a confundir o sentido directamente opposto com o sentido contrario, ou confundiu o signal menos da subtracção com o signal menos dos negativos. E so podia confundir noções tão differentes, quem como Newton fazia provirem aquellas quantidades da subtracção impossivel, porque só assim é que só pode afirmar que são menores do que zero e só nestas condicções é que se pode dizer que sommar um negativo é o mesmo que subtrahir um positivo, ou por outra, uma vez que os negativos provem de uma subtracção impossivel, chega-se ao resultado de que são menores do que zero, e que a subtracção é uma addição em que se somma um negativo ao em vez de subtrahir um positivo. São corollarios que derivam do modo porque os antigos fizeram surgir, no calculo, a especie de numeros que se chamam negativos. Descartes, que disto estava muito convicto, porque era está a theoria de seu tempo, apezar da necessidade em que se achou de dar uma interpretação aos negativos, não podia deixar de afirmar que eram estas

quantidades menores do que zero, e que subtrahir é fazer a somma de um negativo porque como Newton fazia provirem estas quantidades de uma subtracção impossivel. O erro que commetteo este philosopho foi o de não perceber todo o alcance de sua criação, porque si o tivesse feito, havia de ter reconhecido que importava ella em banir na mathematica a antiga procedencia das quantidades negativas e que desde então não podiam mais ser consideradas menores do que zero teria verificado que o principio que diz que  $a - x = a + (-x)$  é um principio erroneo, que provem da antiga theoria.

Esta é a censura que deve ser feita ao illustre philosopho, si não se quizer admitir que tenha o genio um momento de eclipse, mas o nosso sabio professor que dizia provirem os negativos de uma subtracção impossivel, que eram maiores do que zero e fazia applicação, depois disto, do principio—corollario da antiga theoria, é que não podia censurar Descartes, unicamente porque este sabio não quiz fazer o consorcio que fez A. Comte de duas theorias que se repellem.

7. Foi com razão que Carnot insurgio-se contra tal harmonia, quando dizia não ser possível aceitar a opposição de sentido, porque teria fatalmente nullo o lado de um quadrado, si chamasse uma parte deste lado, a partir de uma origem,  $+a$  e a outra parte  $-a$ , porque a somma destas duas partes sendo, como elle dizia  $(+a) + (-a)$  ou  $a - a = 0$ , dava lugar a um absurdo claramente accusado pela figura que elle considerava. Carnot tinha razão em não aceitar tal harmonia; porém, não percebendo a causa do absurdo, levantava-se especialmente contra a theoria de Descartes, e era contra ella que elle oppunha aquelle argumento. (1) Entretanto, si o auctor da *Métaphysique du Calcul*, tivesse reflectido em que a opposição de sentido tinha por effeito capital o abandono de principios existentes em algebra, que por seus fundamentos não podiam continuar a figurar na sciencia depois de formulado o theorema de Descartes, teria visto que a somma de  $+a$  e  $-a$  ao em vez de conduzir a um argumento contra a theoria que surgia, pelo absurdo de ser nullo o lado do quadrado que considerava, estava antes declarando que não mais se podia admittir que tal somma fosse igual a differença  $a - a$  ou zero, e teria por consequente acceto e ampliado a theoria.

Não percebendo, porém, a principal consequencia do theorema citado, Carnot mostrou-se, neste ponto, superior a Comte, dizendo que o que provem de uma subtracção impossivel é um «être de raison» (2) e que portanto não pode representar uma grandeza, sem que, entretanto, a theoria que apresentou, possa se manter de pé.

8. Chegados a este ponto de uma ligeira critica, digamos em que consiste nossa theoria sobre as quantidades negativas. Consiste em se reconhecer no facto concreto, a necessidade de se introduzir no calculo os negativos, de uma maneira tão natural como o foram os positivos, isto é, partindo do facto concreto que nos apresenta uma duplicidade de soluções na resolução de um problema como o que formulou Descartes, reconhecer-se que, sem a introdução dos negativos, a linguagem inathematica não seria capaz de traduzir, perfeitamente, o facto daquelle dominio.

Sua origem ficará, portanto, definida pela necessidade de sua introdução no calculo, e os negativos deixarão de provir de uma subtracção impossivel para serem os representantes abstractos de grandezas que existem, ou relações entre grandezas reaes, por uma necessidade que nos impõem a geometria e a

(1) Vide Theoria das Quantidades Negativas, pag. 35.

(1) Vide Geometria de Posição.

(2) Vide Métaphysique du Calcul.

mecanica. Da mesma maneira porque da *medida* de um seguimento, teve-se a noção do numero positivo, assim tambem deve-se ter a noção de um numero negativo da medida de um seguimento, depois de se considerar uma *origem*. Assim como desde os começos da Arithmetica, foi-se levado á noção de numero, partindo do concreto para o abstracto, e somente de numero positivo que bastava para traduzir as necessidades então apresentadas, tambem deve-se partir do concreto para o abstracto para chegar-se á noção de numero negativo, uma vez que a Geometria e a Mecanica vieram crear de uma nova natureza de numeros. Embora tenha sido a algebra a parte da mathematica que motivou a consideração dos negativos, pela resolução dos problemas do primeiro gráo, embora tenham estes numeros uma existencia puramente *abstracta*, fica assás provada pela ligeira critica que fizemos, a inconveniencia e inaceitabilidade da theoria abstracta dos numeros negativos, impondo-se a necessidade de uma theoria concreta que os introduza no calculo como symbolos reais, tendo por fim representatar grandezas cuja existencia a Arithmetica não poderia accusar, mas que a Mecanica e a Geometria vieram patentear aos olhos da sciencia moderna. E como estas duas partes da mathematica motivaram a criação desta nova especie de numeros, é que os negativos têm uma origem mais restricta do que os positivos. E' assim, que um positivo que figura desde o começo dos conhecimentos humanos, tem uma existencia lata por demais, pois que se chegou a delle ter noção pela comparação entre duas grandezas quaesquer, ao passo que para comprehender-se um negativo é preciso se ficar no dominio das grandezas lineares ou continuas. Assim considerados, os negativos, que tem uma existencia tão real como os positivos, despresam uma numeração especial, e uma vez adquirida sua noção, partindo do concreto para o abstracto, deve-se submettel-os ás mesmas operações que os positivos, porque são symbolos que, como estes, representam uma relação. Vê-se, pois, a necessidade de introduzil-os no calculo, surgir da existencia de grandezas que se não podem confundir, e o não fazendo a linguagem mathematica não adquirirá a amplitude que necessita ter. Este modo de considerar não só define a concepção do numero negativo, como tambem dá a certeza de que a mathematica opéra sobre symbolos de grandezas ou relações que existem, e não sobre symbolos que nada significam. Por este meio ficam livres os geometras da « obrigação de admitir indifferentemente todos as sortes de expressões quaesquer que possam engendrar as combinações algebraicas », como infelizmente reconhece A. Comte. (1)

Esta obrigação não se baseia em nenhum principio philosophico, porque manda que na mathematica se dê curso a coisas que se não comprehendem, como si a sciencia fosse uma méra phantasia do espirito humana.

Entretanto si o illustre philosopho estivesse bem compenetrado da subordinação do abstracto ao concreto, teria dito que os negativos e as expressões imaginarias que provêm da mesma fonte, não devem ser acceitas no calculo, porque, como elle os considera, ou representam uma hypothese desregrada ou accusam um erro no enunciado de um problema. Somente quando tentamos traduzir abstractamente uma these que encerra um absurdo, é que poderemos chegar a uma operação impossivel, porque o dominio abstracto nada mais é do que o dominio concreto visto por outra face.

A applicação que até hoje, se têm feito do principio de Descartes, é uma má applicação, porque não se tendo percebido a re-

novação que devia introduzir na sciencia, apenas serve para corroborar a obrigação de que fala Comte, porque até hoje tal principio só tem servido para justicar a acceitação de symbolos vazios de sentido, uma vez que podem ter uma representação geometrica, mas o que só se consegue pela applicação de um outro principio que deixou de existir com o do grande philosopho. Si tolo tivesse sido o trabalho de Descartes, teria este sabio, não fundado a sciencia moderna, mas falseado a base da sciencia porque partia do dominio abstracto para o concreto. Só assim procedendo, só compenetrado da independência dos dois dominios, é que na formação  $y = a - x$  se pode formular a hypothese de  $x > a$ . Reconhecendo-se, porém, a subordinação dos dois dominios, vê-se, que só depois de se convencionar que a grandeza directamente opposta seja representada por um numero, é que inversamente se pode dizer que uma certa especie de numeros representa uma determinada grandeza. Nestas condições, fica-se privado de formular a hypothese acima, porque no dominio concreto já se reconheceu ser um absurdo.

Depois da instituição da *origem* é no dominio concreto, como no abstracto, que o representa, saber de quanto uma grandeza é maior do que outra que lhe é menor. Desde que tentamos saber de quanto uma grandeza *excede* outra maior, já nos collocamos fóra do problema da subtração, porque enveredamos o caminho do absurdo. Pois oem, si, apezar disso, tentarmos effectuar tal comparação, o nosso absurdo revela-se no dominio abstracto, por uma operação impossivel, como assim devia ser. Entretanto, da subordinação do abstracto ao concreto, resulta um principio que nos deve guiar na formulação do problema ou em nossas hypotheses no calculo. Tal é o seguinte principio:

— *Toda vez que, em um calculo chegarmos a uma operação impossivel, é signal de que nossa hypothese é absurda, ou o nosso problema encerra um erro.*

9. Por estas considerações, concluímos que os negativos devem ser introduzidos no calculo, porque assim o exige a duplicidade de soluções no caso concreto, e que um numero negativo não provem, portanto, de uma subtração impossivel, e nossa theoria ficará caracterizada por estas duas proposições:

a) *O numero negativo provem de uma adição de unidades negativas.*

b) *O negativo é maior do que zero, e tanto maior quanto maior for o seu valor absoluto.*

Deste modo de considerar já resulta uma primeira distincção entre o signal dos numeros negativos e o signal — da subtração, embora tenha sido esta operação que deu lugar á primeira noção de taes numeros. O signal — da subtração, significa uma operação, o signal — do numero negativo significa uma *qualidade*. Assim não se pode mais dizer, como A. Comte, que um numero negativo seja um *valor subtractivo*. Não ha valor subtractivo, porque tal valor é uma coisa que não se comprehende; o que ha é a operação que se chama subtração.

A segunda consequencia que resulta de nossa theoria é que a subtração impossivel é uma operação que deve ser abandonada pela sciencia moderna, porque o unico motivo que a conservava e que era a geração dos negativos, não pode continuar a prevalecer, e porque tal operação representa, no dominio abstracto, uma hypothese desregrada, sem que ache uma justificativa no dominio concreto.

Si o fundador do Positivismo, tivesse isto percebido, teria dito, quando caracterizou os dois elementos do primeiro por de funcções, que a distincção entre elles está em que no elemento  $y = a + x$ , a variavel independente pode tomar todos os valores passíveis, e que no elemento  $y = a - x$ , tem valores limitados pelo valor da base, não pela maneira porque se exprimiu no trecho que da Synthese acima citámos,

Uma terceira consequencia que resulta de nossa theoria, é o preenchimento do vazio, nos permittam a expressão, que existe entre a Algebra e a Arithmetica, e que traduzido pela sentença de uma somma algebraica corresponde, em muitos casos, a uma differença arithmetica. A somma passa a ser a somma, quer em algebra, quer em arithmetica, a subtração é sempre uma subtração, em uma como em outra, e a Algebra pode tomar o nome que lhe deu o immortal Newton, de Arithmetica Universal.

Uma outra consequencia da theoria que formulámos é o *reconhecimento* de uma grandeza negativa em um numero negativo, isto é, a possibilidade de passar do abstracto para o concreto, desde os elementos do calculo. Uma vez que, partindo-se das grandezas, se chegou á noção de numero por simples abstracção, reconhece-se que o numero é o representante de uma grandeza, ou o problema directo que faz partir do concreto para o abstracto, dá lugar ao problema inverso, que do abstracto permite passar para o concreto. E' por este processo que na mathematica superior dada uma curva definida geometricamente procura-se encontrar a solução abstracta que a traduza, e como os meios logicos empregados para tal fim são em tudo racionais, uma vez dada uma equação pode-se pedir a curva que tal equação abstractamente representa. Mas é claro que dada uma equação, não se poderia procurar a curva que ella traduz, si de antemão não se tivesse estabelecido que uma curva definida geometricamente *motivou* uma equação.

Applicando o que acima fica dito aos negativos, é tambem claro que não se poderá dizer que um numero negativo possa representar uma grandeza, si antes não se estabeleceu que uma grandeza negativa foi abstractamente representada por um numero negativo. Como é pois que se pode dizer que um negativo que provem de uma subtração impossivel, e que, traduzindo uma hypothese absurda, é alem de tudo um numero positivo (porque é uma parte do subtrahendo positivo  $+x$  na subtração entre os positivos  $+a$  e  $+x$ , que se representa por  $a - x$ ) pode representar uma grandeza negativa, quando nenhuma grandeza, desta especie *motivou* aquelle negativo *impossivel*?

O signal — de que vem affecta aquella parte do subtrahendo  $+x$  poderá justificar tal confusão?

Só caindo no circulo vicioso em que cahio A. Comte, considerando a subtração já como uma adição de negativos, é que se pode dizer que a parte do subtrahendo que deixou de ser subtrahida é um negativo, mas continuemos esta critica no capitulo que se vae seguir.

TERTULIANO BARRETO,

1º Tenente de Artilharia.

Sobre a theoria das quantidades negativas, publicamos este trabalho original do 1º tenente Tertuliano Pereira Barreto, antigo alumno da Escola Militar. E' uma questão de philosophia mathematica, estudada e resolvida com criterio pelo auctor, que pretende firmar com elle o bello nome que deixou entre seus collegas de curso, recommendado á consideração de seus mestres. Esta obra vae, estamos certos, despertar um vivo interesse no seio dos mathematicos, ou se impôr como mais uma conquista da intelligencia brasileira no terreno das sciencias.

(1) Vide *Phylosophie Positive* pag. 160



## O ANTI-AMERICANISMO

Incompatível com o sentimento natural de solidariedade entre os povos republicanos da America e contrario aos nossos mais evidentes interesses de prosperidade economica, é o antagonismo fallacioso que se tem procurado crear entre nós e os Estados Unidos. Toda uma campanha se moveu, ha tempo, com suggestões calumniosas, tendendo lançar a suspeita entre as nossas relações diplomaticas e outras, com a Norte America. Serviram-se os campeões dessa intriga insustentavel de argumentos capciosos, cheios de insidia e inverdades, conseguindo, por infelicidade, apanhar muitos espiritos incompetentes para julgar do assumpto, nos enredos de um chauvinismo irritadiço e nas susceptibilidades de um jingoismo mal informado.

Os dous grandes paizes americanos que dividem entre si a hegemonia politica e a ascendencia moral sobre o continente, um ao Norte, outro ao Sul, estão mais destinados a se entenderem numa larga mutualidade de conveniencias commerciaes e sociaes que a se ferirem e se prejudicarem em desintelligencias desarrazoadas que comprometteriam a ambos quebrando, perante o mundo, a unidade moral da vida do continente. Os Estados Unidos e o Brasil, um o mais vasto paiz saxonio do planeta, o outro a mais vasta patria latina do globo, são os dous grandes *leaders* das Duas-Americas, dous grandes povos democraticos que têm, cada um, uma missão continental a cumprir, são os depositarios da civilização latina e saxonia na America; e essa differença de raça mais os identifica que os desune, egualando-os, antes de tudo, na importancia politica nas duas secções americanas.

Elles têm que pilotar os outros povos americanos, na sua esphera de acção respectiva, realizando ao mesmo tempo uma vasta solidariedade pan-americana contra o expansionismo europeu commercial e militar, preparando-se ambos para satisfazerem a todas as necessidades materiaes e moraes dos povos hispano-americanos e néo-saxonios. São dous povos de que se poderá dizer que são naturalmente hegemonicos, dous vigorosos pioneiros do pan-americanismo, idéa cara a todos os corações e a todos os espiritos verdadeiramente americanos. É preciso se afirmar energicamente, desde já, que o pan-americanismo é impossivel sem o Brasil ou sem os Estados Unidos; e que o pan-americanismo é impossivel contra o Brasil ou contra os Estados Unidos.

Os dous principaes factores da solidariedade continental e os principaes promotores da americanisação, no mais justo e nobre sentido da pala-

vra, estão pois de antemão indicados nos dous povos. Elles são os elementos mais solidos do conseguimento desses idéaes comuns de paz e de progresso, são por assim dizer os dous pólos que hão de estabelecer através das Americas, a corrente electrica da civilização, nas suas multiplas manifestações de conforto, cultura intellectual e industria, instituindo largos laços de união financeira e moral através do Isthmo, vitalisando as mais ricas regiões agricolas do mundo, as mais extensas minas, os portos mais bellos e seguros da terra.

Quaes os povos americanos que nos poderão disputar a supremacia, essa supremacia pacifica e fraternal, a que devemos, sem duvida, aspirar?

Quaes os cidadãos brasileiros que poderão, com sinceridade e provas, apresentar rasões decisivas contra essa confraternisação de inspiraões praticas e de sentimentos generosos?

A invasão da America do Sul pelo norte-americano, é um excellente assumpto de caricatura internacional, nunca um thema de ataque justo ao governo de Washington, por parte de um jornalista ou escriptor imparcial diante dos problemas americanos, que devemos estudar com calma, franqueza e orientação segura.

Sendo o Brasil grande como um continente e do tamanho dos Estados Unidos (e mesmo talvez maior depois do Laudo arbitral de Cleveland, na questão das Missões, da arbitragem de Berna, na questão do Amapá e do Tratado de Petropolis, na questão do Acre) a conquista ou a invasão seriam absurdos de gastronomia imperialista, que seriam um desastre physiologico para a economia nacional dos Estados Unidos.

E onde iriam elles buscar tropas e colonos para se assenhorearem, por exemplo, do Extremo Norte amazonico e do grande Oeste brasileiro, Mato-Grosso e Goyaz? Os nossos sertanejos, filhos genuinos da terra rica e altiva do Brasil, tão destros e ousados como os *cow-boys* do Far-West, que fariam elles, que conhecem tão bem o «interior» como o habitante de New-York conhece Broadway?

Alguns demagogos da economia politica no Brasil, escolheram na recente questão das tarifas aduaneiras sobre os trigos, uma má occasião para reaffirmarem esses preconceitos do anti-americanismo, manifestação de medo e de poltroneria que nos pretende mostrar a toda a gente como uma creança eternamente burlada no collegio das nações americanas, por uma dellas de que se diz haver se erigido em decurião astuto e ambicioso.

O proteccionismo industrial excessivo, a que repugna o regimen da equidade nas alfandegas para com uma nação que nos importa, quasi toda a

produção da nossa monocultura cafeeira, assanhou-se com a questão dos 20 % e tirou da morgue jacobina as tiradas rethoricas do lyrismo patrioteiro, que não se resigna a inhumalas no esquecimento das repetidas injustiças feitas á verdade inilludivel, que procuramos demonstrar e basear, com factos positivos e «illustrações» incontestaveis.

Não existe sentimento de hostilidade no povo brasileiro contra o povo dos Estados Unidos. Nas classes superiores ha comtudo alguma cousa neste sentido, uma desconfiança vaga, uma suspeição imprecisa, um receio inconfessavel.

Pois não será tudo isso apenas um malentendido prejudicial, facilmente annullavel, pelos resultados praticos que nos advirão e que já estamos obtendo com o desenvolvimento das relações commerciaes entre os dois paizes, como no caso da *Light and Power*, de São Paulo, companhia que é um dos elementos da grandeza da magnifica cidade paulistana? Nós nos convenceremos dentro em pouco de que temos mais a aproveitar e a aprender com os Estados Unidos do que com todos os povos europeus reunidos, excepção feita da Inglaterra e da Allemanha.

Então não sómente haverá confiança commercial como tambem verdadeira amizade entre a nossa patria e a grande Republica, cuja bandeira estrellada deve ser entrelaçada fraternalmente com a bandeira do Cruzeiro do Sul. E porque não será assim? Que têm a amizade e os capitaes americanos de suspeitos? O dinheiro inglez e o allemão amalgamados em enormes sociedades anonymas ahi estão fructificando largamente empregados no Brasil, em empresas de caminho de ferro, em fabricas, em telegraphos, em bancos, em carris-urbanos, na agricultura e no commercio. E quem os accusa de não serem uteis ao paiz?

É pois, francamente, um erro deploravel do rotineirismo nacional esse retrogrado anti-americanismo. O Brasil foi integrado politicamente na America pela Republica e está sendo lentamente integrado socialmente na America pela democracia. Desta democracia continental, cujo espirito de liberdade infelizmente ainda não protege com sua sombra bemfazeja todas as regiões americanas, é nos Estados Unidos que residem os dois mais estrenuos representantes.

Si a America do Sul póde justamente se orgulhar de possuir um escriptor como Machado de Assis, um diplomata como Joaquim Nabuco, um historiador como Euclides da Cunha, o narrador elegante e profundo da Campanha de Canudos, um estadista como Rio-Branco, um publicista como Ruy Barbosa; a America do Norte póde se ufanar de ter em

eu sei os dous mais bellos typos de alliança entre a alta intellectualidade e a acção intensa, entre a theoria e a pratica, o amor da verdade e a sua defesa infatigavel, idéas essencialmente americanas.

Será, talvez, pelo conhecimento mais intimo dessas duas poderosas mentalidades e destes dous admiraveis homens de acção, que o Brasil ficará estimando sincera e orgulhosamente os Estados Unidos, como irmãos que somos na America, obreiros da obra continental de democracia e progresso, generalisação formidavel de liberdade e justiça, que hoje invade a Europa e dominará o mundo.

São esses dous homens os mais illustres representantes do americanismo, das theorias e dos actos da gente americana; e são elles Gibbons e Roosevelt.

Theodoro Roosevelt, o pregador da vida politica sem tibiezas, da intervenção individual na eleição e no governo, da cooperação autonoma ou organizada do individuo nas collectividades humanas. O cardeal Gibbons, o chefe intelligente e o campeão mais illustre do catholicismo de acção, doutrinario e pratico, visando para a Igreja de Jesus em Roma, o patrocínio de todas as conquistas liberaes e democraticas, no mundo.

A americanisação do Brasil é logica e fatal.

Os que não quizerem crear a opinião, hão de segui-la, porque ella surgirá, em breve, espontaneamente.

JOAQUIM VIANNA.

## A ABOLIÇÃO DA ESCRAVIDÃO NO BRASIL

Grandes factos historicos tiveram como causa determinante immediata, insignificantes acontecimentos. Dizem que, se o nariz de Cleopatra tivesse outra forma, o mundo antigo teria sido profundamente alterado.

Se madame de Pompadour não tivesse tenazmente insistido junto a Luiz XV, para a annexação da Corsega, a França não teria na sua historia, a epopéa Napoleónica, porque o grande capitão não seria francez.

A abolição immediata e incondicional, entre nós, teve como determinante, um insignificante incidente: o caso Leite Lobo.

A lucta entre o ministerio Cote-gipe e a propaganda abolicionista, estava no seu auge. O ministerio, reaccionario, queria impôr á nação o *statu quo* na questão do elemento servil; entregando ao tempo o trabalho de extinguir-lo: pela morte, pela philantropia dos senhores de escravos e pela acção da propaganda. Esta, porém,

impaciente, tendo em seu seio grande numero de agitadores politicos pertencentes uns, ao partido liberal, então no ostracismo, e outros, republicanos, não cessava de agitar o espirito publico nos *meetings*, na imprensa, nas camaras, em debates violentos, em sessões tempestuosas.

Conspirações com a força armada tinham sido tramadas, salientando-se a celebre «questão militar», que esteve a rebentar se não fôra o sacrificio da dignidade do governo, que saiu *arranhada*, na phrase do presidente do Conselho, na memoravel sessão do Senado.

O chefe de policia—dezembargador Coelho Bastos — o Scarpia da escravidão, era um homem feito para o momento. Energico, brutal, confiando só na força, sem as astucias e maleabilidade do seu chefe — o barão de Cote-gipe — não recuava deante do perigo. Agarrava os escravos fugidos, e impiedosamente entregava-os aos senhores, embora fossem os miseros morrer debaixo do chicote e nos *vira-mundos* das fazendas; perturbava as reuniões abolicionistas com a capangagem policial: desordeiros e capoeiras conhecidos; perseguia os mais ardidos propagandistas com inqueritos escandalosos, para provar que elles vivião á custa dos pécúlios dos escravizados, denominando-os as gazetas officiosas de *papa-peculios*.

Apezar, porém, de toda esta agitação, o ministerio ia vivendo e retardando a solução da questão, e teria conseguido demora-la, por mais tempo, se não fôra o incidente Leite Lobo.

Leite Lobo era um homem distincto, official da nossa marinha, em cujo serviço se tinha assignalado pela sua instrucção e bravura.

Mas, infelizmente, uma molestia mental o impossibilitou de continuar no serviço activo, e foi reformado. Se bem que inoffensivo, quando estava em crise, chamava a attenção publica nas ruas pela sua agitação, gritaria que fazia em discussão que travava com estranhos, mas como era muito conhecido, e tinha por costume trazer sempre na lapella o habito de Aviz, era respeitado, e ninguem o desacatava.

Em principio de Março de 1888, a horas adiantadas da noite, no Largo do Rocio, elle foi tomado de uma crise mais intensa, e entrou a gritar em favor da abolição, atacando o governo com violencia. O povo foi se agglomerando em redor d'elle, e com a excitação dos animos, que reinava, ião as coisas tomando maiores proporções, e a policia interveio.

Mas, como sempre, a intervenção foi brutal, e, apezar dos protestos não só do tenente Lobo, que appellava para sua qualidade de official da armada, como dos populares, os soldados de policia arrastaram o pobre demente até á

estação policial da freguezia do Sacramento, que era commandada pelo alferes Baptista, homem da confiança e protegido do chefe de policia. Baptista não quiz ouvir a Leite Lobo, nem aos que o acompanhavam, e mandou mette-lo na enxovia, onde passou o resto da noite.

Chegando o facto ao conhecimento dos companheiros de armas da victima, reuniram-se estes no «Club Naval», cuja séde era numa casa do Largo do Rocio, e exigiram do governo uma reparação a tamanha affronta aos bríos da Armada Nacional.

Ao mesmo tempo, a marinhagem foi á estação do Sacramento, e atacou-a travando-se grande conflicto. A policia armou-se e municiou-se para resistir a marinhagem, e a desordem alastrou-se pela cidade, concentrando-se no Largo do Rocio, em frente ao «Club Naval.»

Durante quatro dias, as estações policiaes erão atacadas não já somente pelos marinheiros, mas tambem por populares.

O governo, que poderia ter evitado o conflicto, com a demissão do chefe de policia ou a prisão do alferes Baptista, e que não quiz ouvir aos amigos mais prudentes, quando vio as proporções que tomavão os acontecimentos, mandou recolher a policia aos quartéis, ficando a cidade á mercê dos amotinados.

A Princeza Regente, que estava em Petropolis, tendo sido informada dos acontecimentos pelo almirante Salgado, que expressamente fôra áquella cidade para esse fim, desceu e convocou o ministerio.

Mostrou-se a Princeza muito agastada com a offensa feita ao tenente Leite Lobo, e notou, com alguma vivacidade, a continuação no cargo de chefe de policia do desembargador Coelho Bastos, e exigio a sua demissão immediata. O ministro da Fazenda Francisco Belisario, amigo particular do desembargador Coelho Bastos, fez algumas observações em favor deste, lembrando os serviços prestados por elle á ordem publica. O barão de Cote-gipe propoz, então, que fôsse dada a demissão a pedido, e nomeado para presidente da Relação da Côrte, que estava vago.

A Princeza disse: «isso seria uma recompensa quando é preciso puni-lo;» e recusou terminantemente a proposta.

Neste caso, disse o barão de Cote-gipe, o ministerio pede a sua demissão collectiva.

E eu a concedo, replicou a Princeza, e peço o favor ao sr. barão de Cote-gipe de chamar o sr. João Alfredo para conferenciar commigo ás 8 horas da noite, na Quinta de S. Christovão.

Assim, cahiu o gâbinete presidido pelo barão de Cote-gipe, que subio ao poder em Agosto de 1885.

A's 6 horas da tarde, recebia o con-

selheiro João Alfredo, em sua casa na rua Marquez de Abrantes, uma carta do barão de Cotegipe, concebida nos seguintes termos:

«Exmo. sr. conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira:

«S. A. Imperial Regente me encarrega de convidar a v. ex. para uma conferencia hoje ás 8 horas da noite, na Quinta da Boa Vista.

Devo informar a v. ex. que se trata da organização de um novo gabinete.»

Tinha a data de 7 de Março, gripada para lembrar que era a mesma data do gabinete presidido pelo visconde do Rio Branco, de que o conselheiro João Alfredo tinha feito parte, como ministro do Imperio.

E' possível que a carta tenha algumas alterações na redacção, porque a citamos de cór, e a lemos ha mais de 15 annos.

Recebido o conselheiro João Alfredo, a Regente deu-lhe conta da situação, e o encarregou de organizar o novo gabinete. O illustre estadista perguntou si a crise tinha nascido da questão do elemento servil.

—«Não: foi por uma questão de ordem publica, e julguei que o ministério estava fraco e impopular para arcar com os acontecimentos. Tem v. ex. plena liberdade de agir quanto á direcção politica que tenha de imprimir ao novo gabinete. Sómente devo dizer a v. ex. que seria para mim doloroso ter de assignar uma falla do throno que não trate da solução da questão do elemento servil.—

A abolição da escravidão não foi, portanto, uma questão *sine qua non* para a organização do gabinete de 20 de Março; podia inclui-la no seu programma, ou não, sem que por isso viesse difficuldade por parte da corôa.

A Princesa nada impoz e nada recusou ao ministério, em relação á abolição immediata e incondicional.

O que fez a Princesa, e só por isso merece as benções da humanidade, foi não impedir a realisação da grande obra, o que foi decisivo. Mas, não foi tão facil, como parece, esse acto.

Na atmosphera de terror creada pela gente da sua *entourage*, e toda ella pertencente ao partido liberal, a Princesa mostrou qualidades de governo apreciaveis, principalmente energia e coragem.

Não faltou quem não lhe segredasse o receio de um attentado contra a sua vida, a invasão da Côrte pelos fazendeiros em armas, a intervenção da Inglaterra por causa da divida externa, e outras coisas deste jaez.

Nada disso, porém, enfraqueceu o seu animo, e não regateou ao gabinete, o menor elemento de governo.

O gabinete, por seu lado, desde o inicio, nos primeiros dias de administra-

ção, tornou-se popular e fortaleceu-se na opinião nacional.

O chefe do gabinete, no anno anterior, da tribuna do Senado, tomára com Antonio Prado, compromisso de offerer um projecto que extinguisse a escravidão, no prazo de 3 annos. Foi com essa idéa que o gabinete foi organizado. A da abolição immediata e incondicional, ainda não tinha sido suggerida.

Prado foi encarregado de organizar o projecto durante a sua estadia em S. Paulo, para onde se tinha retirado para melhor trabalhar.

Mas, durante esse tempo, os acontecimentos se precipitavam: os senhores libertavam, em massa, em troca de titulos honorificos; as manifestações populares se multiplicavam, entusiasticas, por toda a parte.

A correnteza era impetuosa, irresistivel. Só um louco tentaria represa-la.

A anciedade publica para saber da idéa do governo, sobre a questão, era enorme. Nenhum membro do gabinete tinha tido ainda oportunidade de fallar em publico, se não quando se annunciou um banquete offerecido pelo Club Beethoven, ao seu presidente, nomeado ministro da justiça.

A concorrência foi enorme nas cercanias do edificio em que funcionava o Club, onde se realisava o banquete.

Os ministros, ao chegar, eram recebidos com ovacões delirantes.

O ministro da justiça teve uma verdadeira apothéose quando, no discurso de agradecimento ao banquete, pronunciou as seguintes palavras, que ficaram memoraveis: «O ministério vae tratar de reparar injustiças seculares».

A phrase foi bastante transparente para se vêr a resolução em que estava o governo de propor ás camaras, cuja reunião se daria em Maio, a abolição immediata e incondicional da escravidão.

Assim foi feito em 7 de Maio, no mais indiscrepivel entusiasmo, e a 13, transformado em lei o projecto.

Agora vejamos o que se daria se não fosse o incidente Leite Lobo.

O ministério de 10 de Agosto continuaria no poder odiado, sem apoio na opinião até que uma revolta militar rebentasse, e, com o seu triumpho, seria proclamada a Republica, e feita a abolição.

A familia imperial chegaria á Europa, deportada por se oppôr á libertação dos escravos.

O odio dos senhores dos escravizados contra os libertadores irromperia em breve, e a guerra civil seria travada.

O Brasil sempre foi escandalosamente protegido pela Divina Providencia!

Outubro de 1904.

SCETONIO.

## RUSSIA E JAPÃO

A presente lucta entre a Russia e o Japão é verdadeiramente desoladora, menos para qualquer das duas nações belligerantes — já victimadas por enormes perdas, e ainda na primeira phase da campanha, pôde dizer-se — que para o observador sereno e sensato, que vê com tristeza campear universalmente a mais estranha falta de senso e desorientação sociologica por parte da maioria da imprensa européa e de certos escriptores, terrivel phenomeno de retrogradação mental attingindo a mais alta hypertrophia e quasi delirio na Inglaterra, nos Estados-Unidos da America do Norte, em Portugal, nos paizes da America do Sul e, principalmente, no Brazil.

Realmente, surprehende e abysmalêr-se os disparates que, alliados ao mais assanhado e intolerante espirito de parcialidade e fetichismo pelo Japão, bem como a um total desprezo ou desconhecimento das leis fundamentaes e incontradictaveis da Sociologia, são todos os dias epiléptica e entusiasticamente editadas pela imprensa desses paizes sobre as *extraordinarias* victorias nipponicas e fim proximo da guerra com o *aniquilamento completo* da Russia, no Extremo Oriente.

Que na Inglaterra e nos Estados-Unidos apregõem delirantemente a derrota da sua grande rival na Asia, porque isto muito convém aos immensos interesses commerciaes e politicos que lá têm ambas essas potencias, e particularmente a primeira, dominadora de toda a India — comprehende-se. Mas, que as outras façam o mesmo, por simples macaqueação ou por neurasthenicos arrebatamentos de mal entendida humanidade, e mais sentimentalismos piégas. — é triste e tristissimo.

Entretanto, toda essa descabellada grita de apoio e applauso feita diariamente ao Nippon, em estirados telegrammas e artigos laudatorios, poucos verdadeiros, de jornaes e revistas, ha de ser, dentro em breve talvez, inteiramente suffocada e destruida pelos ultteriores acontecimentos da guerra, de que a formidavel e incomparavel resistencia de Porto Arthur — que difficilmente será tomada — é um pre-nuncio valioso e forte.

E embora, em Pariz, um espirito sério, lucido, erudito e versado nas sciencias sociaes, como MAX NORDAU, contra o Slavo se agite nervosa e furiosamente, num lamentavel eclipse, originado sem duvida na sua stirpe de judeu que abomina a Russia por perseguir o judeu; embora Max Nordau garanta pela *Gazeta de Noticias*, e algumas folhas platinas, que a autocratica e desmoralizadissima Russia do governo a *chicote* e de *funcionarios prevaricadores* virá a ser esmagada

pelo *bravo e poderoso* Japão ; embora, entre nós, uma intellectualidade, como JOSÉ VERISSIMO, affirme pela *Noticia*, que tudo o que ha assentado até agora em sociologia está errado porque isto de questão de raça é *uma tolice* ; embora o brilhante chronista OLÁVO BILAC, num dos seus *Registros* dados de Pariz, commettendo a maior heresia em ethnologia (aliás como Nordau e Verissimo) chame aos belligerantes o *moço Japão* e a *velha Russia*, quando é justamente o contrario, pois a raça mongolica está no palco da historia ha mais de seis mil annos e a aryana ha apenas tres mil ; embora todos esses descabros jornalisticos e scientificos de que decerto estão rindo, em silencio um, Letourneau, um Hartmann e um Häckel, os tres sábios sobreviventes da phalange genial dos homens que estabeleceram as bases immutaveis da Sciencia moderna no seculo passado, como Darwin, Spencer, Huxley, Lyell, Latham, Vogt, Lubbock, Virchow, Mommensen, etc ; embora tudo isso, temos para nós que a victoria final da Russia é certa e o aniquilamento total do Japão inevitavel.

O Japão vae ser o Paraguay da Asia : nunca mais se levantará.

Felizmente, nem o humanitarismo neurasthenico, nem a grita fetichistamente apologista do maior numero em favor do amarello caduco, carnavalescamente *vestido á occidente*, não de mudar jamais as leis geraes da Sociologia.

Häckel, classificando a Humanidade em doze raças distinctas e trinta e seis sub-raças, partindo da mais inferior para a superior, colloca o Japão no grão 20 e a Russia no 36, isto é, no ponto supremo da evolução humana.

Seria, portanto, um absurdo ou loucura admittir-se que o Japão pudesse nunca vencer a Russia.

A nosso vêr, um grande espirito que existiu em Portugal até dez annos atraz, e que poderia ter glorificado qualquer das grandes nações da Europa se em uma dellas houvesse nascido, OLIVEIRA MARTINS, o genial historiador e sociologo, foi, entre todos os eminentes pensadores contemporaneos, quem melhor prognosticou, de um modo geral, os acontecimentos sociaes que se desenrolam actualmente no Extremo-Oriente, e que são naturalmente o inicio das fundas transformações da mesma especie que não de ter lugar no desenrolar deste seculo em toda a Asia, conforme esse egregio mental deixou assignalado no seu longo e notabilissimo estudo *O anno politico europeu de 1886*, publicado na *Gazeta de Noticias*, dos começos de 87.

Ahi, no capitulo final intitulado *Paizagem do futuro*, traçava elle um vasto quadro prospectivo do que se-

riam as grandes nações europeas e os Estados-Unidos nos meados do seculo XX. Parece uma temeridade semelhante estudo, mas é admiravel de previsão e videncia, conforme se verá pelos rapidos trechos que vamos aqui estampar.

Depois de descrever a *Batalha naval de Tantchim* entre a Russia e os Estados-Unidos, já então unicos e absolutos dominadores da Asia, dizia OLIVEIRA MARTINS :

« As consequencias desta batalha são gravissimas. Por muito tempo está posta em chéque a ambição russa de dominar, absoluta, no Oceano Indico, para cercar por mar a China, a quem os exercitos do Czar extorquiram já a Mandchuria, a Coréa e parte da Mongolia ao sul do Altai.

A ultima das tragedias ethnicas do mundo desenrola-se agora nos mares da India... »

No *Dia de Peshawer* dá conta da victoria da Russia sobre a Inglaterra no seu imperio da India, do seguinte modo:

« A batalha naval de Tantchim é tão grave no momento actual, como foi ha trinta annos a celebre batalha de Peshawer, em que os russos destruíram o imperio da India Britanica. Esse dia memorando tinha em embrião, o choqué medonho dos russos, vindos por terra do Occidente, e dos americanos, vindos por mar do Oriente, para um fim commum — a conquista da China.

« Como estamos distantes desses tempos, em que o alastrar obscuramente invencivel do agricultor slavo, precedido pelos batedores de lanceiros cossacos, avançava com prudencia, com cautela, desde Mers até Herat ! A Inglaterra inteira, guiada pelo instincto da conservação, agitava-se a cada passo dos moscovitas... »

(A velha Albion agita-se loucamente no temo da victoria da Russia, que será o prologo do seu aniquilamento na India, dentro de mais um lustro talvez ; e por isso fornece activamente ao nippon transportes para o desembarque de tropas na Mandchuria, carvão de pedra, material bellico de todo o genero e officiaes peritos para machinas e manobras nauticas e de guerra á esquadra do Mikado. A derrota da Russia, desde já, será um allivio para o seu terrivel pesadelo ! ).

« Depois os russos, continúa o sociologo portuguez, alastravam-se como uma inundação desde o Caspio até ao Indo, absorvendo a Persia, o Afghanistan e o Beluchistan, a contar do dia terrivel em que os inglezes, com os seus exercitos de indios, quizeram embargar-lhes o passo para Cabul, na batalha de Peshawer.

« Todavia, como entre os russos e os velhos persas, ha gravissimas differenças, o Czar não commetteu o erro

de annexar a India. Estabeleceu-se solidamente a oeste do Indo, construiu o grande caminho de ferro que liga o Caspio a Teheran, e vem por Herao, por Candahar, por Kelat, insinuar-se nas montanhas littoraes do Beluehistan. Esse caminho de ferro tem a sus testa no porto magnifico de Karatchy, que commanda o golfo Persico e o mar das Indias. As obras do porto que é ao mesmo tempo o maior imperio commercial do Oriente e a mais extraordinaria das fortificações, garante á Russia a sua liberdade de expansão maritima e effectividade do protectorado que exerce sobre a India. Cobrando dos principes indigenas os tributos de soberania, a Russia, deixando seguro o flanco austral do seu imperio asiatico, transpoz, como se sabe o Amur e absorveu toda a Mandchuria. Assenhorou-se da Coréa. Está ás portas de Pekim. Entrará lá ?... »

Na parte denominada *Old England ! alas, poor old England*, conta ao que ficará reduzida, em meados do seculo XX, a Inglaterra :

«... Assim se desmanchou o velho imperio da Inglaterra, que, durante o seculo XIX, se alastrara por sobre o mundo inteiro. No dia de Peshawer, perdeu-se a India. Já o Canada fôra incorporado ao Imperio Americano. (Os Estados-Unidos não de se achar então transformados num immenso imperio, vaticinava o celebre historiador portuguez). Já a Australia se declarara independente. Ficaram-lhe ainda uns farrapos de ilhas dispersas, restos de maior quantia, como a nós nos ficaram Damão e Gôa — brazões historicos. O Cabo voltou aos allemães, que possuem todo o sul da Africa... »

A prophesia sociologica de Oliveira Martins começa agora a cumprir-se, não propriamente pelo desmoronamento do imperio britanico da India, mas por esta guerra do Japão, que tornar-se-á o primeiro grande episodio dessa futura derrocada da Inglaterra, que, por isso, toda se empenha pela derrota da Russia. Semelhante facto, porém, se nos affigura inteiramente impossivel, embora até agora o Japão tenha obtido uma série de triumphos parciaes bellicos.

A *Paizagem do futuro*, de Oliveira Martins, «tem todos os visos de realidade», como elle proprio o disse. A victoria final será da Russia.

E ai ! então do audaz e prospero Japão, que se deixou levar ingenuamente a uma aventura perigosa pela astucia refinada da velha Inglaterra, que lhe acenara, perfidamente e em defeza propria, com o grande sonho delicioso da absoluta hegemonia do Mikado sobre toda a raça amarella e sobre toda a Asia !

VIRGILIO VARZEA.